

## Olerê, quero ver: Contradição – conceitos e representações

Vitória M de **BARROS** [vmcmb@terra.com.br](mailto:vmcmb@terra.com.br)

Joseph **BRENNER** [joe.brenner@bluewin.ch](mailto:joe.brenner@bluewin.ch)

Adriana **CACCURI** [adriana@studiumonline.com.br](mailto:adriana@studiumonline.com.br)

Maria F de **MELLO** [m.fmello@uol.com.br](mailto:m.fmello@uol.com.br)

Este artigo foi apresentado no *II Ateliers sur la Contradiction* realizado em 2011 pela École de Minnes de Saint Étienne/França e foi publicado numa versão curta nos anais deste colóquio. <http://aslc2011.emse.fr/index.php>

### PREÂMBULO

#### A terceira margem do rio de João Guimarães Rosa: pinceladas...

...Nosso pai nada não dizia. Homem cumpridor, ordeiro, positivo... Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta. ... ..suspendeu a resposta. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — Cê vai, ocê fique, você nunca volte!

... E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa... .. Agente teve que se acostumar com aquilo... a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade....avistado ou diluso... .. no que queria, e no que não queria...não pojava em nenhuma das duas beiras... o que não era certo, exato; mas mentira por verdade...

... Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia acontecia... longe, no não encontrável? ... no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendia no liso rio. ... minha mãe sabia desse meu encargo, só se encobrindo de não saber... Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. ... e o rio-rio-rio – pondo perpétuo. Ninguém é doido. Ou, então todos. ...canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu rio abaixo, rio a fora, rio dentro – o rio.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> ROSA, J.G. *A terceira margem do rio*, in *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro. Editora: Nova Fronteira, 2005. p. 32-37

## Margens exprimíveis no mundo de João Guimarães Rosa

Sob a forma de um espaço para as palavras:  
espaço de palavras que as põem em risco o que elas nomeiam,  
fazendo deste modo vacilar todo o aparato  
preciso, concreto, do material a ser pintado no espaço vago,  
indeterminado, indefinido, do interpretável. <sup>2</sup>

Olerê, quero ver  
Olerê <sup>3</sup>

Cada lugar... um mesmo e diferente lugar.  
Como toda chuva ... chuva, mas cada uma delas... diferente.  
Assim como nas florestas  
você nunca encontra a mesma arrumação de árvores,  
e não encontra a um nhambu de pio igual ao outro,  
como as Marias também não são as mesmas,  
embora sejam todas mulheres da espécie humana. <sup>4</sup>

Olerê, quero ver  
Olerê  
E João?  
João “não tinha geração”. <sup>5</sup>

Foram as experiências que formaram seu “mundo interior”... <sup>6</sup>:  
Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muita tristeza do mundo <sup>7</sup>

Um estranho chamado João  
para disfarçar, para farçar  
o que não ousamos compreender. <sup>8</sup>

Olerê, quero ver  
Olerê

... diante do espelho que mira e que trata  
do avesso da gente que tudo retrata, pois nada se esconde.  
Preciso falar?  
... De mim o que falo? Sou meus personagens?  
Misturo a mistura da argila, o caulim,  
o barro, a piçarra, o calcário (ai de mim!  
palavras (palavras?)  
...dizendo quem sou, pois não sou, fico sendo... <sup>9</sup>

Olerê, quero ver

---

<sup>2</sup> CAUQUELIN:2008:108

<sup>3</sup> Matita Perê, Tom Jobim Composição: Antonio Carlos Jobim / Paulo Cesar Pinheiro *Por sete caminhos de setenta sortes*  
*Setecentas vidas e sete mil mortes*  
*Esse um, João, João E deu dia claro E deu noite escura E deu meia-noite no coração Olerê, quero ver Olerê* Consulta em 27 10  
2010:<http://letras.terra.com.br/tom-jobim/86229/>

Jobim Sinfonico - Matita Perê Cantor Milton Nascimento

Jobim Sinfonico 2002 OSESP: <http://www.youtube.com/watch?v=cc7HBAu2SWQ&feature=related>

<sup>4</sup> JOBIM:2006:22 QUARTAS HIST.

<sup>5</sup> SANT'ANNA: 2006: 27 - 4

<sup>6</sup> PIZA: 2006:31

<sup>7</sup> PIZA:2006:31 palavras de GR.

<sup>8</sup> ANDRADE:2006:16

<sup>9</sup> ACCIOLY: 2006:17

Olerê

Tudo - assim - vinculado.  
Como tal lógica, livre do peso das palavras,  
portanto dos corpos...  
livre da própria materialidade do sentido das palavras...?  
... uma não pintura na pintura,  
uma não-obra na própria obra..<sup>10</sup>

como poderíamos crer ao pensar no silêncio  
que se segue a todo discurso ou  
nos espaços "brancos" que pontuam a fala...", <sup>11</sup>  
como o "dito ou expresso sem obrigatoriamente dever ser."?" <sup>12</sup>

Olerê, quero ver  
Olerê

Após este preâmbulo, construímos o presente artigo em quatro partes, a saber:

*Parte I:* Contradição: uma vivência reflexiva; Contradição: panorama de uma trajetória

*Parte II:* Dialética como método de divisão; Dialética como retórica do provável;  
Dialética como lógica da conciliação; Dialética como síntese dos opostos;

*Parte III:* Triadicidade; Trialética: marcos de uma trajetória; Trialética e o terceiro  
incluído; Contradição condicional e realismo científico estrutural; Afetividade: uma  
variável ontológica na lógica; Meta-Contradição: a lógica energética do desacordo;  
Trialética e níveis de Realidade;

*Parte IV:* Explorando possíveis; Sensações de conceitos. Uma via para o Vazio.

## PARTE I

### **Contradição: uma vivência reflexiva**

Escolhemos iniciar nosso artigo com trechos do conto "A terceira margem do rio" de João Guimarães Rosa, expressão viva e eminente da literatura brasileira, pois nos pareceu muito claro a presença da contradição na forma deste autor perceber o mundo e de criar seres contraditórios que dialogam com a realidade do aqui agora e, neste processo, se transformam. Um metatexto poético completou a introdução.

Isso também se deu, porque reconhecemos que, muitas vezes, a poética tem um valor que pode promover uma qualidade experiencial mesmo em se tratando de um tema que demanda uma aproximação racional. Quando nos aprofundando na obra deste autor, convivemos com seres contraditórios que estão sempre se transformando e dialogando intensamente com forças que estão além de si mesmos. São seres

---

<sup>10</sup> CAUQUELIN: 2008:111 Incorporais

<sup>11</sup> CAUQUELIN:2008: 43 Incorporais

<sup>12</sup> CAUQUELIN:2008: 42 Incorporais

transitórios como os chama Antonio Candido no ensaio “O homem dos avessos” (2006). “Esse ‘homem transitório’ é o homem moderno e pós-moderno simultaneamente. A ele é legada a visão de um universo onde tudo está em seu devido lugar, compartimentado, mas a ele é também concedido o livre arbítrio, o poder de enxergar que nem tudo está num lugar prescrito, uma vez que não deveria estar e que, talvez, esta ausência de lugar fixo seja por si só a condição *sine qua non* da pós-modernidade, ou seja, o indivíduo está livre, mas preso ao seu livre arbítrio. Escreve Guimarães Rosa:

no sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. Como critério, ele tem apenas sua inteligência e sua capacidade de adivinhar. (Coutinho, 1991, p. 92-94)

O propósito deste artigo é lançar *insights* e tornar conceitos básicos sobre contradição mais acessíveis a uma comunidade mais ampla, que atua fora do campo da filosofia ou da lógica. Mais especificamente, depois de revisitar exemplos representativos do desenvolvimento histórico da dialética e da trialética, construímos marcos que consideramos relevantes, explorando dois aspectos. O primeiro aspecto é ilustrar alguns conceitos em expressões poéticas, em representações virtuais e físicas. O segundo aspecto é delinear as características básicas destes marcos conceituais e as relações entre eles. A intenção em revisitar alguns destes campos de conhecimento e de sabedoria, suas dinâmicas e processos emergiram da necessidade de melhor compreender, integrar e comunicar o ciclo *percepção – ação* na esfera do *sendo e fazendo*.

Escrever este artigo nos levou ainda a revisitar caminhos que permitiram perscrutar possibilidades no âmbito da poética, da ética e da estética. Descobrimos que este trabalho foi uma passagem, teve o caráter de uma vivência reflexiva que aguçou nossa percepção e possibilitou uma ampliação de consciência. Reconhecemos que neste processo algo se transformou em nós, fomos afetados e afetaremos, quiçá, nosso entorno imediato.

### **Contradição: panorama de uma trajetória**

A filosofia ocidental herdou dos gregos dois caminhos que definiram toda a filosofia subsequente: o de Parmênides (539-465 aC) e o de Heráclito (540-470 aC). Parmênides pensou o Ser como uno e imutável e estabeleceu a unidade da razão e do Ser afirmando que Tudo é Uno e que o Todo e o Uno são o começo e o fim de toda Filosofia e de toda ciência e, assim, ignorou o Não-Ser. Heráclito, por sua vez, via o mundo como um grande fluir e como movimento que não cessa e sempre recomeça. Nessa concepção, a realidade comporta o Ser e o Não-Ser e se transforma na medida em que uma tensão aparece, liga e concilia esses dois momentos. Ser e Não-Ser, que aparentemente se opõem e se excluem, compõem a realidade e constituem o Devir. Nasce, então, a dialética, que os filósofos gregos chamam de filosofia dos opostos e, segundo eles, a realidade se constitui do movimento permanente desses dois polos. E dentro desta perspectiva:

É entre Parmênides e Heráclito que se abre o espaço em que, desde então, se faz Filosofia. Parmênides, dizendo que Tudo é Uno, fornece o elemento do Logos Universal

que abrange tudo; Heráclito, dizendo, Tudo flui, que tudo é movimento de polos opostos, fornece o elemento da Dialética. (Lima, 2003, p. 25)

Assim, temos as duas grandes correntes na Filosofia: a analítica e a dialética, a primeira, dos seguidores de Parmênides via Aristóteles e, a segunda, dos seguidores de Heráclito via Platão.

Repetindo, toda Filosofia grega desde os pré-socráticos e de Platão até Aristóteles trabalham com o jogo dos opostos, cujos pares são os elementos com os quais as coisas se constroem. Tudo o que pensamos até hoje tem duas raízes distintas: a platônica e a aristotélica. Tanto o projeto de Platão como o de Aristóteles influenciaram grande número de filósofos que vieram depois deles até os nossos dias e perpassam toda a cultura ocidental.

Mas o que é dialética? Dialética implica em uma relação binária, bidimensional. O termo dialética deriva da palavra diálogo, tem muitos significados e percorreu a história da Filosofia recebendo outros tantos dependendo da época, do filósofo e do momento histórico. Mas o indiscutível, é que a dialética é um processo onde existe ou um adversário que deve ser combatido ou uma tese a ser refutada e, portanto, existe sempre ou dois atores ou duas teses em conflito. Pode ainda se apresentar "como um processo resultante de um conflito ou oposição entre dois princípios, dois momentos ou duas atividades quaisquer". (Abbagnano, 2007, p. 315). Somente com Hegel, a dialética adquire o sentido que conhecemos hoje que é ser um método de apreensão da realidade que tem uma lógica própria ainda que conservando o sentido original de oposição ou antagonismo.

Tivemos muito cuidado ao falar de dialética, porque essa palavra pode ter significados diversos. Em primeiro lugar existem duas grandes linhas quando se fala em lógica: a linha dos analíticos e a dos dialéticos e um não entende o que o outro fala porque se trata de duas línguas com sintaxes diferentes que produzem Filosofias com perfis diferentes.

Para os analíticos a linguagem tem proposições sintaticamente bem formadas, isto é, contém sujeito e predicado. Ex: Sócrates é justo - *Sócrates* é o sujeito lógico e *é justo* é o predicado. Portanto, é necessário sujeito lógico e predicado, argumento e função, para que a proposição faça sentido e, muitas vezes, esse sujeito pode estar oculto ou indeterminado, mas deve existir.

Os dialéticos utilizam uma linguagem com sintaxe própria e que não se compõe de sujeito e predicado, como visto pelos analíticos, e deles fazem parte Platão e Hegel, por

exemplo. Em Platão os predicados são a *Mesmice* e a *Alteridade*; o *Repouso* e o *Movimento*. Em Hegel, os predicados são o *Ser*, o *Nada* e o *Devir*, e o sujeito lógico seria o *Absoluto*.

Nosso artigo percorre uma trajetória ampla da dialética e, ao abordarmos a contradição, vamos além da lógica analítica e de suas regras de inferência, injunção e disjunção, contradição e contrariedade, semelhança e diferença. Escolhemos esse caminho, pois é a dialética que "capta e compreende adequadamente as relações intersubjetivas" (Lima, 2003, p. 127) e é ela que compreende os fenômenos sociais não como acidentes, que ocorrem entre substâncias, mas como fenômenos que incluem o homem individual em sua rede de relações sociais, inserido num sistema complexo e sendo ele mesmo um sistema também complexo.

Entendemos que os mesmos princípios regem o pensamento dos analíticos e dos dialéticos: os Princípios da Identidade, o Princípio da Alteridade e o Princípio da Coerência, também chamado de Princípio da Não Contradição. Eles continuam valendo como chaves do pensamento racional para apreender e analisar a realidade, mas algumas das suas regras foram modificadas para dar conta dos fenômenos e a principal delas é a emergência da contingência, aquilo que cessa de não existir, da necessidade e do sujeito indeterminado

Para efeito da nossa análise, usaremos os conceitos de oposição ou contradição como as tensões entre os objetos, os termos, os subsistemas, que pertencem ao mesmo domínio ou nível lógico. Essa contradição só pode ser concebida porque os dois termos estão no mesmo nível: são relações entre membros de uma mesma classe lógica, ou mais geralmente, de uma mesma estrutura, por exemplo: monoteísmo e politeísmo. Na realidade:

...cada termo tem necessidade do seu contrário ou de seu contraditório para ser concebido ou existir: esse processo de construção da identidade na e pela alteridade; esse jogo da contradição como uma espécie de jogo do espelho invertido, só pode ser compreendido se os termos opostos se reproduzem mutuamente e eles só podem existir dessa forma se eles forem do mesmo tipo e estiverem no mesmo nível ... (Barel, 2008, p.49)

O paradoxo é algo diferente: a injunção paradoxal não consiste simplesmente, como a injunção contraditória, de se ordenar fazer uma coisa e seu contrário. Para que o paradoxo exista, é necessário que na oposição entre os termos, os objetos..., intervenham tipos e níveis lógicos distintos. ... Existem pares de termos que permanecem no interior do mesmo tipo e do mesmo nível, e são contradições ou oposições verdadeiras. Mas, existem outros pares que, na realidade, não designam contrários, mas que desenharam fronteiras entre tipos de tipos lógicos: eles hierarquizam e pontuam a realidade. (Barel, 2008, p. 49)

Portanto, o paradoxo, além de mostrar que duas coisas são contrárias, mostra o confronto de uma realidade percebida num nível que se opõe a outra que está num outro nível que, tem regras diferentes de nível superior, porque em geral são um meta-nível.

A contradição e o paradoxo fazem parte do nosso mundo e, portanto, cabem na nossa forma de perceber as coisas. Somos privilegiados de conseguir ver as contradições e não ficarmos paralisados por elas; ao contrário, essas formas de perceber e pensar nos ajudam a organizar nossas ideias e nos impulsionam para o novo, para o inusitado. Ao aceitarmos essas formas polarizadas, podemos compreender suas identidades e a partir daí, caminhar em frente. A contradição faz parte da realidade e nós somos parte dessa realidade como agentes que atuam nela, mas também como agentes que a percebem. E esses dois níveis se entrelaçam e se interpenetram. Assim,

No processo enativo (na ação), a realidade não é um dado: ela depende do sujeito *percebente*, não porque ele a construiu à sua vontade, mas porque o que conta a título de mundo pertinente é inseparável daquilo que forma a estrutura do sujeito *percebente*. (Varela, 1996, p. 30-31).

Percebemos, então, que tudo está permanentemente ligado e em relação e que somos parte de um sistema, como somos também um sistema. Lupasco nos diz:

Todo sistema se revela um sistema de sistemas: todo objeto familiar é um sistema muito complexo de sistemas moleculares, um sistema molecular é feito de novos sistemas de sistemas astrofísicos (sistema solar, sistema galáctico, sistema de muitas outras coisas - ou sistema - de galáxias, de muitas coisas de muitas outras coisas). Notamos que cada sistema de sistemas é função de relações de antagonismo, como toda sistematização; dito de outra forma ainda, o que determina a formação e o devir dos sistemas de sistemas são sempre relações de antagonismo de relações de antagonismo, de uma complexidade que cresce com a complexidade dos sistemas. (Lupasco, 1982, p. 14)

E Barel completa:

*Não existe o Fora da sociedade e do sistema, não existe ilha utópica separada do continente sistematizado. Não existe justaposição de um sistema e de um não sistema, mas a inevitável fricção do sistema e daquilo que lhe resiste ou procura lhe escapar."* (Barel, 2008, p. 11)

Assim também, não existe um ser humano separado, isolado, pois sendo um sistema, habita um sistema maior que ele configura assim como é configurado por ele. Abordar a dialética e trialética implica em explorar a Contradição e o Paradoxo: a dialética como uma relação binária e a trialética, como uma relação ternária, como veremos no decorrer deste artigo.

O tema dialética e trialética é vasto e tem sido tratado exaustivamente através dos tempos. O recorte feito para atender a proposta deste artigo abarcou apenas aspectos

centrais encontrados em Platão (427-347<sup>a</sup>.C), Aristóteles (384-322 a.C) , Zeno (c.336 - 246 a.C), G. W. Friedrich Hegel (1770 -1831) , Charles S. Peirce (1839 -1914) , Stéphane Lupasco ( 1900-1988) , Basarab Nicolescu, Joseph Brenner e Patrick Paul. Com efeito, ao revisitarmos esse tema, saltando séculos, nos colocou face à dificuldade da escolha, ao valor de retomar aspectos do acervo já acumulado, ao valor de dignificar a memória e o percurso já percorrido quando se trata em compreender o aqui e agora, e o devir. E João Guimarães Rosa (1908 -1967) ? Ele está aqui como um representante dos muitos que fazem parte do panteão da arte da narrativa poética, no seu mais profundo sentido. Assim, ainda que ilustres pensadores não foram sequer aqui mencionados, sabemos que eles também forjaram essa história e, também, a nossa jornada na elaboração deste artigo.

## **PARTE II**

### **Dialética como método de divisão**

Para Platão, "... a Dialética é uma técnica de investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo um procedimento socrático de perguntar e responder." (Abbagnano, 2007, p. 315)

Segundo ele, a filosofia não era uma tarefa individual, mas construída por homens que convivem e que "*discutem com benevolência*", é uma atividade própria de "*uma comunidade da educação livre*" (*Leis*, VII, 344b). É a forma por excelência da investigação conjunta e que tem dois momentos:

- organizar as coisas dispersas numa ideia única, definindo-a de forma a ficar clara e compreensível, podendo então, ser comunicada a todos os interessados (*Fédon*, 265c), assim se vai das ideias múltiplas aos princípios, podendo então, se chegar às conclusões últimas (*República*, VI, 511c);
- no segundo momento, o método segue a divisão respeitando suas interações naturais segundo gêneros, evitando fragmentar as partes de forma a prejudicar o raciocínio.

Platão, ao discutir ideias para chegar aos princípios através da divisão define três alternativas fundamentais:

- uma única ideia permeia e abarca muitas outras que estão e permanecem separadas delas e exteriores umas das outras;
- uma única ideia reduz muitas outras à unidade na sua totalidade;
- muitas ideias permanecem inteiramente distintas entre si.



Essas asserções são amplamente evidenciadas nos diálogos onde a intenção de Platão é defender uma ideia fazendo com aqueles que deles participam possam compreender e chegar aos princípios por ele defendidos e que ele considera verdadeiros. Estas três alternativas apresentam dois casos extremos, a unidade radical (muitas ideias em uma) ou a heterogeneidade radical, e a terceira, é o caso intermediário onde uma ideia abrange outras sem fundi-las numa unidade.

O uso de uma dessas alternativas depende da natureza da questão que está sendo abordada e aonde se quer chegar sem perder a coerência original. Platão utilizou esse processo em muitos dos seus discursos e sua primeira preocupação era definir a pergunta e a partir daí estabelecer uma divisão em duas partes que ele chamava de esquerda e direita, onde cada parte se caracterizava pela presença ou ausência de certos caracteres que ele estabelecia como fundamentais para se chegar à Verdade. Recomeçava então novo processo e dividia a direita em duas partes e a esquerda também em duas partes, e assim sucessivamente até esgotar as possibilidades. A escolha da forma de subdividir a ideia principal era muito importante para não prejudicar a linha de articulação do pensamento, pois a coerência de raciocínio era mantida e, assim, se chegava ao objetivo que era demonstrar uma tese. O método dialético platônico era genuinamente indutivo e sintético se aproximando mais do procedimento empírico na busca do conhecimento, pois o objetivo da divisão não é a dedução de algo, mas *"a procura, a escolha e o uso das características efetivas de um objeto, com o fim de esclarecer a natureza, ou melhor, as possibilidades desse objeto."* (Abbagnano, 2007, p. 316)

No diálogo, segundo Lima, surgem tanto a tese como a antítese, o dito e o contradito, e, quando uma ideia é emitida, pode surgir alguém que a endossa, outro que a contrapõe e, neste momento, surge a dialética propriamente dita que pode ou não levar a uma síntese.

Para Platão, o jogo dos opostos fica quase sempre aberto, sem uma solução ou sem uma síntese final porque para ele a Dialética é um método difícil, sério e trabalhoso que exige esforço e dedicação para se chegar à superação das contradições, mas que, por outro lado, é uma forma de educação, um processo longo de aprendizado e maturação. É só a partir desse longo trabalho que surge a conciliação, a possibilidade da grande síntese. Para Platão a Dialética é uma forma para se chegar ao Uno, ao Princípio.

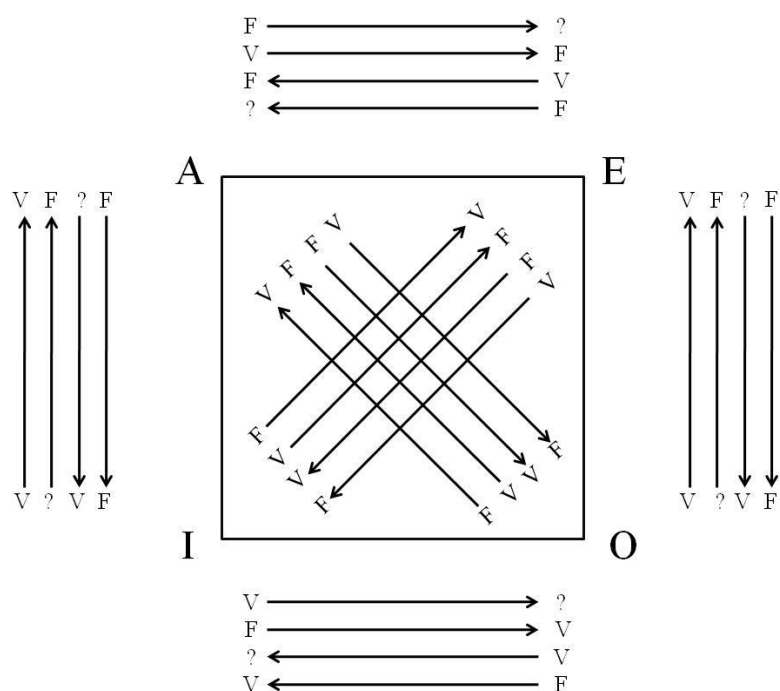
## Dialética como retórica do provável

Os três axiomas de Aristóteles afirmando que uma coisa pode apenas ser o que ela é; uma coisa não pode ser o que ela não é; duas alternativas A ou não A são mutuamente excludentes, postuladas positivamente, negativamente e dicotomicamente, são as bases da dialética aristotélica. Ainda, essa dinâmica dialética e suas diretrizes metodológicas estão firmadas quando ele declara: “... a mesma coisa pode, ao mesmo tempo, ser em sendo e não sendo – mas não no mesmo sentido. Pois a mesma coisa pode ser potencialmente ao mesmo tempo dois contrários, mas não em atualidade.” (Metafísica, Livro IV, parte 5).

Aristóteles pensa que dialética é uma utilidade, um método de análise, um tipo de instrumento lógico, a arte do debate intelectual, um debate que afia a mente, capaz de lidar com qualquer assunto e, nesse sentido, ela compartilha das características de uma meta-teoria. Dialética não é uma demonstração, uma dedução científica, uma dedução que produz conhecimento, mas uma questão de opinião, uma questão de argumento; ela não prova nada. Por ser uma questão de opinião, dialética aqui é vista como uma lógica do provável, não da certeza. Mesmo que Aristóteles afirme que o provável é o resultado de opiniões aceitas por todos os homens, ou pela maioria dos homens, ou pelos homens mais sábios, assim atribuindo a ela um certo grau de universalidade, essa afirmação não eleva dialética de um status de opinião para um status de conhecimento como proposto pela ciência, pois é evidente que a opinião de um grupo de pessoas não é suficiente para atribuir a um dado fato um valor universal. Apesar de poder assumir um status de verdade, ela permanece arbitrária.

Silogismo e indução são os dois instrumentos poderosos da argumentação nesse tipo de processo e raciocínio dialético. Silogismo deriva de premissas aceitas, que são prováveis, mas não verdadeiras. Ele faz parte da teoria da inferência, que levará a conclusões que são prováveis, mas não certas. O interesse de Aristóteles foi estudar as propriedades dos sistemas de inferência, a partir dos quais ele tira conclusões meta-teóricas, estabelecendo leis fixas, por exemplo, aquelas que derivam das relações dos Contrários, contraditórios, sub-contraditórios, como indicadas no quadro abaixo, onde Verdadeiro (V) e Falso (F) e onde:

Contrários	Contraditórios	Subcontrárias
A – E	A – O	A – I
I – O	I – E	E – O



Eis o exemplo clássico dessas inferências: A = Todos os homens são mortais;  
 E = Nenhum homem é mortal; I = Alguns homens não são mortais; O = Alguns homens  
 são mortais.

Em *Interpretação 9*, ao discutir contradição, Aristóteles se refere a proposições que não podem ser resolvidas em termos de falso ou verdadeiro. Ele sugere que alguns pares de contradição, se projetadas no futuro, os argumentos F/V não podem ser aplicados, pois eles estão em estado potencial e asserções podem apenas ser feitas sobre o que realmente acontece. Assim, está aqui sugerido que poderia haver uma lógica de três valores para proposições futuras que ainda estão em estado não atualizados. Essa ideia abriu um campo da lógica amplamente explorada por lógicos nos séculos seguintes e atualmente.

### Dialética como lógica da conciliação

"O terceiro conceito de Dialética deve-se aos estóicos, que a identificaram com a lógica em geral ou, pelo menos, com a parte lógica que não é retórica." (Abbagnano, 2007, p. 317) Os estóicos, ao transformar radicalmente a teoria aristotélica do raciocínio, procuravam explicações e demonstrações, utilizando as coisas mais compreensíveis e evidentes aos sentidos, para chegar às conclusões através de premissas.

Nascida na Stoá Poikilê, o Pórtico pintado ao norte da Ágora de Atenas, o Estoicismo construiu seu caminho por cinco séculos, de Zeno, seu fundador; Crisipo (c. 277–208 a.C), que estruturou e consolidou a doutrina; através de Panécio (c.185) e Posidônio (c. 130-51), que vitalizou e inovou a tese estoíca dando a ela um tom neoplatônico; até Sêneca (c.8 – 65 a. C) e Marco Aurélio (121–180) os guardiões e mestres da tese ética estoíca. Além destes, outros proeminentes pensadores estoícos aportaram contribuições significativas para as teses físicas, lógicas e éticas do Pórtico, em seus três períodos de desenvolvimento: o Estoicismo Antigo (sec IV – III a C); o Estoicismo Médio (sec. II a.C – I d.C); Novo Estoicismo (sec. I – II).

A lógica e a doutrina estoícas levam a uma tentativa de conciliação entre o determinismo e a responsabilidade humana. A contradição gravada nesta lógica assegura que os seres humanos são parte da natureza e precisam segui-la ao mesmo tempo que precisam seguir o que são, seus destinos.

Estoicismo discute a origem das paixões e dos vícios, explora as causas primeiras e últimas, o destino e o livre arbítrio, sabedoria e virtude. Os estoícos distinguem a consciência que vem dos objetos externos e aquela que vem dos processos racionais interiores, articulando ambas. Os estoícos aproximam-se da realidade a partir de dois tipos de representações: *sensações* (aisthêtikê), que correspondem a objetos externos; e mente que corresponde às operações da alma, e da própria mente. Dessas representações emergem percepções e intuições. Seja como for, elas são inseparáveis, ainda que não se possa afirmar que sejam verdadeiras.

Nas premissas fundamentais da ontologia estoíca a contradição está igualmente presente. Nela, a realidade é basicamente composta pelos corpóreos (*somata*), tudo que pode ser a causa de outra coisa, e os incorpóreos (*asomata*) que subsiste apenas em nossa mente: vazio (*kenón*), tempo (*chronos*), espaço (*topos*) e os exprimíveis (*lekton*). As três primeiras entidades incorpóreas apresentam condições para o processo físico e a última está relacionada com a filosofia da linguagem. Ainda que opostas, as entidades corpóreas e incorpóreas, são reais.

Como apontado acima, o pensamento do Pórtico, reconhece a contradição, mas ao mesmo tempo formula o conceito de unificação de todo seu sistema físico, lógico e ético baseado no conceito fundamental de *logos*, entendido como força de coesão, princípio de crescimento, inteligência, o *continuum* energético de todos os corpos.

Opondo-se a Platão e em concordância com os pré-socráticos, os pensadores do Pórtico acreditavam que o universo é corruptível e sujeito a ciclos recorrentes eternos que se repetem indefinidamente, onde nada é renovado, pela simples razão que nada pode ser renovado por conflagração, que sem cessar cria o mesmo. Como em Heráclito

os estóicos descrevem dois princípios que governam o universo: o primeiro passivo, enraizado na matéria e, o segundo, ativo, identificado como a força racional que afeta a matéria. Como em Aristóteles, o estoicismo é radicalmente empírico. Diferenciando-se de Aristóteles que estava interessado em inter-relações dos termos; os lógicos estóicos estavam interessados nas inter-relações das proposições. Diferenciando-se dos epicuristas, o estoicismo descarta o atomismo como constituinte da realidade. Por outro lado, eles apresentam uma teoria anti-corpuscular, onde todos os corpos possuem uma estrutura contínua e onde todas as coisas estão ligadas pela simpatia.

O estoicismo tem o mérito de extrair a contradição do âmbito da retórica, e elevá-la ao status da lógica. Foi Crisipo, versado em lógica, em teoria do conhecimento, em física e ética que criou um sistema de lógica proposicional, e os conectivos lógicos: *se, e, ou...ou, porque, mais/menos, provável ..., então*; e muitos outros tipos de proposições moleculares, familiares à lógica moderna incluindo: conjunção, disjunção, e condicional. Ele também estudou o critério de verdade dessas proposições. A ele é atribuído a criação da lógica forma, e a formalização do sistema estóico.

O foco último do estoicismo é o desenvolvimento de uma atitude ética nos seres humanos que é concebida no pensamento do Pórtico em cinco estágios: 1) manutenção da constituição natural; 2) harmonia com a natureza; 3) escolha; 4) dever; 5) exercitar a escolha continuamente. Essas são as cinco condições que manterão o ser humano vivo, permitindo que ele escolha o bem e rejeite o mal; exercite a escolha a partir do sentido de dever do qual ele ainda não está completamente consciente, levando-o a fazer a escolha correta!

O estoicismo pode ser visto como uma rede abrangente que contribui para ler, decodificar, compreender e agir no mundo. Nesse sentido, ele define um código de conduta. É do conhecimento comum que os pensamentos do Pórtico constituíram o primeiro movimento do humanismo na filosofia. Eles tratavam da lógica na realidade e exerceram enorme influência nos avanços da dialética, da triadicidade e da trialética que seriam formulados séculos após sua emergência. Ainda mais, a introdução dos conceitos estóicos de co-destino, inter-relação, inter penetrabilidade dos corpos, co-operação, vazio foram reconhecidos de grande relevância para algumas teses da Física Quântica e para o desenvolvimento da lógica no século XX.

### **Dialética como síntese dos opostos**

Do ponto de vista da história da filosofia, Hegel como Platão, ambos seguidores de Heráclito, cada qual no seu tempo e à sua maneira, foram autores que trouxeram mudanças significativas no caminho da Filosofia, e especialmente Hegel, cuja obra filosófica determinou uma ruptura no pensamento ocidental, na medida em que, muitas correntes que vieram depois dele tem no centro das suas teorias, estruturas intersubjetivas e a mediação linguística do pensamento, como a antropologia de

Feuerbach, a teoria da natureza de Marx, o pragmatismo de Peirce, a fenomenologia de Husserl, o existencialismo de Heidegger, Jaspers e Sartre, e outros. Colocar a subjetividade e a intersubjetividade, a contingência, a contradição na estrutura da sua teoria, colocou Hegel no panteão dos grandes filósofos que fizeram a diferença para a Filosofia do séculos XIX e XX.

A filosofia hegeliana expressa uma profunda

...tensão, não superada, na determinação filosófica da relação entre as categorias da subjetividade e da intersubjetividade. De fato, um exame superficial já mostra essa tensão na seguinte reflexão sobre a relação, decisiva para a concepção sistemática de Hegel, entre lógica e filosofia da realidade: a lógica de Hegel culmina na teoria da subjetividade absoluta; na filosofia da realidade, isto é, sobretudo na filosofia do espírito objetivo e do espírito absoluto, processos intersubjetivos desempenham, no entanto, um papel decisivo. (Hösle, 2007 p. 23).

Para Hegel a Lógica é o lugar das "puras essências", as formas necessárias e as próprias determinações do pensamento enquanto a Filosofia da Realidade são as categorias que devem ser não só pensadas, mas representadas e aí são representadas pelas três ciências naturais - a física, a química e a biologia e as do espírito - que inclui tanto as ciências hermenêuticas como as ciências da arte, da música, da religião e história da filosofia, como a antropologia, a fenomenologia além do direito, moral, Estado e história.

Assim, a sua teoria aceita o princípio da contradição, mas rejeita a versão ontológica distinguindo duas formas: a negativa e a afirmativa. Para ele, não só as teorias se contradizem umas com as outras, mas também as teorias apresentam contradições internas que podem ser detectadas. Além disso, não só as teorias, "mas também as categorias lógicas e objetos reais do mundo natural e espiritual se contradizem e, que *(quase) tudo que existe se contradiz*." (Hösle, 2007, p. 191)

A contradição em Hegel é algo negativo já que a contrariedade é própria da finitude, pois são as coisas finitas que se contradizem em si; além disso, a contradição não se mantém, pois precisa se dissolver e dar lugar a algo superior. Ele expressa essa passagem dizendo "...tudo que é superior apenas surge quando o inferior, enquanto contradição em si, se supera na direção do superior". (Hösle, 2007, p.193). Ele descobre as contradições nas categorias singulares de finitude e de não finitude e conclui a partir dessas contradições a falsidade de uma delas e, à medida que uma categoria se mostra não verdadeira, se obriga a prosseguir para a próxima.

Hegel afirma que essa forma de compreender as categorias, bem como as teorias que se opõem, se contradizem e fazem parte da natureza do pensamento, pois, é objeto do intelecto a resolução das contradições que formam a teia da realidade finita. "A Dialética constitui, pois, a alma do progresso científico e é o único princípio através do qual a conexão imanente e a necessidade entram no conteúdo da ciência..."(Abbagnamo, 2007, p. 318).

O raciocínio da dialética hegeliana é triádico já que tem sempre três termos, a *tese* - a colocação de um conceito abstrato e limitado; a *antítese* - supressão de algo finito desse conceito e na passagem para seu oposto e a *síntese* - que se constitui na síntese das duas determinações precedentes e que conserva "o que há de afirmativo na sua solução e transposição"... (Abbagnamo, 2007, p. 318). Esses três momentos acontecem em sequência no tempo dando origem ao progresso da ciência e ao progresso dentro do processo histórico, fazendo parte da realidade propriamente dita. Toda a realidade se move dialeticamente em função desses três momentos.

Hegel utiliza a palavra *aufheben* para definir a síntese e ela tem três significados diferentes, segundo Lima: o primeiro significa dissolver, anular, desfazer; o segundo, guardar e o terceiro, pegar e colocar num lugar mais alto, colocar em cima. Assim, a síntese tem três sentidos que se completam na elaboração desse conceito: superar, guardar e colocar em nível mais alto.

O primeiro sentido: A oposição dos polos é superada e anulada. Na síntese os polos não mais se excluem; o caráter excludente que existia entre tese e antítese é dissolvido e desaparece. O segundo sentido: Apesar da dissolução havida, os polos foram conservados e guardados em tudo aquilo que eles tinham de positivo. O terceiro sentido: Na unidade da síntese se chega a um plano mais alto, houve aí uma ascensão a um nível superior." (Lima, 203 p. 125)

Com a ruptura estabelecida no pensamento filosófico pelas ideias de Hegel, quando ele introduz a intersubjetividade, a contradição como possível de ser pensada e a presença de um terceiro termo que aparece ao lado do A (afirmação) e não A (negação) e que vem resolvê-la ou superá-la, muitos filósofos vindos depois dele, mesmo que para contradizê-lo ou rebater suas ideias, foram influenciados por suas teorias e, a partir dele, conceitos como subjetividade e intersubjetividade de um lado e o raciocínio triádico de outro, se tornam conceitos importantes e, às vezes, imprescindíveis para se compreender a realidade.

### PARTE III

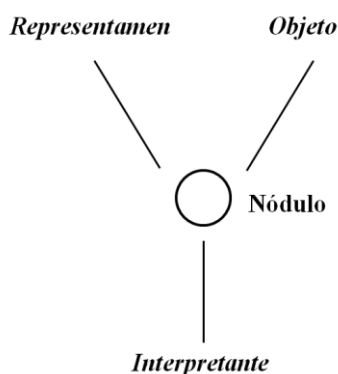
## Triadicidade

Charles S. Peirce, o fundador da semiótica, a teoria dos signos, a ciência que engendra sentido, abarca o princípio da inclusão de contradições. Sua cosmologia discute o fenômeno da vida, e os aspectos pragmáticos de nossas concepções como “o que afeta, o que pode ser imaginado como portadores de propósitos práticos... (CP 5:402)

Para Peirce o signo não é o objeto atualizado no espaço e no tempo, um signo não é um objeto imediato. No seu ponto de vista, cada signo é sempre traduzido em outro signo em relação a um dado objeto. Essa tradução de signo implica em *triadicidade*, uma relação não binária, que permite a emergência e fluxo do significado em um dado contexto.

O possível, a incerteza, a probabilidade, o contingente, a dicotomia ou a síntese são os elementos que constituem a essência do pensamento de Peirce. Não existe aqui um padrão binário, mas sim um processo triádico; uma interação de conjuntos de elementos configura a dinâmica de sua lógica, que definitivamente não é uma dialética. Peirce não é considerado um dialético, ele é considerado um dialógico.

A dinâmica do processo semiótico peirceano é apresentada por um tripé: *Representamen* (o que representa o signo, revela o que ele significa), *Objeto* (o fato ou evento semiótico dado relacionado ao sentido do signo, o que contém a informação) e *Interpretante* (o que traduz signos em signos) indicados na figura abaixo:



... em contraste, nossa tríade genuína, um tripé que inclui um nódulo, amarra todos os elementos através de um ponto focal tal que a relação entre qualquer par dos elementos depende da relação de cada um destes elementos ao terceiro (CP: 345-9).

Destas relações triádicas formam-se três tricotomias de signos. A primeira é o resultado de uma análise do *signo em si mesmo*; a segunda, do signo com seu objeto; a terceira, *do signo com seu interpretante*.” (Saporiti, 1995, p. 41). Vale lembrar que a



teoria semiótica de Peirce não atribui um lugar privilegiado ao *Interpretante*, a ele cabe o lugar de usuário do signo, também identificado como de mediação da mediação, e é através dele que a ação do signo se explicita.

Tal tripé semiótico é um todo inter-relacionado. Sentido e mudança de sentido emergem de alterações no *Interpretante* uma vez que ele evoca versões da realidade sobre o objeto.

Assim se for o caso que um “objeto” relacionado com seu signo e seu respectivo *interpretamen*, é igualmente o caso do *interpretamen* do signo se relaciona com seu “objeto semiótico”. Nesse sentido, ... semiose não é linear, mas radicalmente não linear. Signos sempre tem a chance de tomar meandros para divergir, convergir, intrincar-se, tornando-se um processo outro do que aquele que era. (Merrell, p 17)

Essa estrutura de tripé, dada às  $n$  possíveis mudanças em interpretação promovidas pelo *Interpretamen* 2, 3... $n$  levemente alterando o *Interpretamen* original, pode vir engendrar uma teia de significações. Assim, o *Interpretante* se torna uma parte integral do processo e, então, o objeto semiótico não será jamais o único item no âmbito da realidade. Peirce assegura pela sua dinâmica que sentido se torna possível através da diferença, do processo e não da linearidade.

o que caracteriza e define uma asserção de Possibilidade é a sua emancipação do Princípio da Contradição, ainda que ela permanece sujeita ao Princípio do Terceiro Excluído; o que caracteriza e define a asserção da Necessidade é que ela permanece sujeita ao Princípio da Contradição, mas retira o jugo do Princípio do Terceiro Excluído; e o que caracteriza e define a asserção da Atualidade, ou da Existência singular, é que ela reconhece a sujeição a ambas fórmulas e, justamente, a meio caminho entre dois “Modais” racionais, como as formas modificadas são chamadas pelos velhos lógicos. (MS 678:34-35)

Nesse sentido, Peirce exclui o princípio do terceiro excluído e abarca o princípio da não contradição. Suas três categorias formuladas para descrever a realidade: 1) *Primeiridade*, pertencente à esfera do sentimento, como possibilidade, inconsistência e qualidade, refere-se ao mundo das possibilidades e vacuidade, excluindo o princípio do terceiro excluído; 2) *Secundidade*, pertencente à esfera da volição, dual por definição, como ação-reação. Essa categoria é existencial e como tal pode permanecer dentro do âmbito do terceiro excluído ou do incluído, dependendo da lógica a ela aplicada; 3) *Terceiridade*, pertencente à esfera da cognição enquanto capacidade de conhecer - potencialidade, generalidade, incompletude - que derroga o princípio do terceiro excluído.

Em seu livro *O Método Anticartesiano de C.S. Peirce* (Santaella, 2004, p. 78), a autora escreve que de 1868 -1878 Peirce atacou o cartesianismo, e que desde 1968 ele vinha desenvolvendo a teoria da hipótese como um dos tipos de inferência e raciocínio, tendo em mente uma questão central que era a classificação dos argumentos. Escreve a autora que depois de 1878, Peirce se voltou

... mais e mais para a investigação e seus métodos ...e chamava a lógica de arte de conceber métodos de pesquisa, considerando-a “método dos métodos” (CP 7.59). Afirmava também que a produção de um método para a descoberta de métodos era um dos principais problemas da lógica (CP 3.364).

Ao introduzir a hipótese, juntamente com a indução e a dedução na compreensão dos tipos de inferência, Peirce, já em 1865, abre uma proposta revolucionária, que transcende os legados aristotélico e cartesiano. Os marcos evolutivos desses conceitos são apresentados com clareza por Santaella (2004, p 85 - 95), mas não serão tratados aqui, visto fugir do escopo deste artigo. Contudo, vale registrar que o próprio Peirce revisita e reformula os conceitos por ele mesmo formulados. A autora escreve que:

Antes de 1900 os modos de inferência estavam relacionados com as categorias à luz do grau de certeza de cada um desses modos, na seguinte ordem decrescente: dedução a (terceiridade), indução (secundidade) e hipótese (a primeiridade). Quando foram concebidos como estágios de investigação, a relação passou a ser: abdução (primeiridade), dedução (secundidade), e indução (terceiridade), visto que se trata aqui não mais de um grau de força de cada um dos argumentos lógicos, mas da sua ordem de interdependência no processo. (Santaella, 2004, p. 95).

O fundador do pragmatismo, Peirce, postula novas formulações para a investigação com base na mente cognitiva; a inferência como função essencial da mente cognitiva, esta compreendida como pensamento nos níveis perceptivo, inquisitivo e deliberativo como enuncia Gallie (1975, p. 99); a abdução como a primeira forma de inferência lógica na pesquisa científica e, também, abdução como “... aquele processo que leva não à adoção de opinião final, mas às hipóteses elas mesmas – à sua adoção como puro “poder ser”.” (Idem p. 94-95) A construção por Peirce desta lógica das relações é uma contribuição essencial, basilar e atual para o tratamento da contradição, enquanto método e poder de criação, no âmbito da ciência, da técnica, da estética e da lógica da realidade.

### **Trialética: marcos de uma trajetória**

A Trialética, é um processo semelhante ao dialético com todas as suas características, mas se diferenciando deste porque um terceiro termo aparece como forma de superar a contradição do dois e isso pode se dar de diferentes formas.

A Lógica Clássica estabeleceu um "conjunto de limitações que satisfazem o princípio da *identidade* e de suas *consequências* no pensamento, o princípio da *não contradição* e o princípio da *exclusão do terceiro*" (Ioan, 2001, p. 139). As Lógicas não

clássicas podem derrogar ou o *princípio da identidade*, ou o *principio da não contradição* ou o *da exclusão do terceiro* e ao derrogar um deles determina diferentes tipos de lógicas que tem nomes, objetivos e formulações bem definidos, segundo Petru Ioan.

Quando a modificação se dá no segundo princípio, o da não contradição, chegamos a vários tipos de lógica:

- Lógica da não contradição que François Paula concebeu no começo do século XX;
- Lógica da paraconsistência que foi desenvolvida pelo prof. Nilton da Costa na segunda metade do século XX;
- Lógica energética de Lupasco, por volta de 1935 e que segundo Petru Ioan, "situa o dinamismo contraditório (respectivamente o dualismo antagônico, o antagonismo contraditório ou o dinamismo dualístico) na própria natureza e estrutura do lógico, visando, assim, a contradição irreduzível e a coexistência contraditória da afirmação e da negação, respectivamente da identidade e da diversidade, ou seja, um cálculo contradicional." (Ioan, 2001, p. 140)

Quando a modificação se dá no terceiro princípio, o da exclusão do terceiro, temos a Lógica de Lupasco, que trabalhou na legitimação do pensamento do tipo antagônico para construir uma lógica que fosse "considerada como (1) *quântica*, (2) como *formal*, (3) como *formalizável*, (4) como *polivalente*, (5) como *não-contraditória*". (Ioan, 2001, p. 141).

Seguindo o raciocínio de Dominique Temple, biólogo e importante pesquisador da obra de Lupasco, para este chegar à construção da sua lógica do antagonismo muitos passos foram antes dados por cientistas teóricos no início do século XX:

- Max Planck, quando fez suas experiências com a luz, percebeu que duas possibilidades emergiam: ou ela se apresentava como uma vibração num meio homogêneo ou como um feixe de partículas elementares;
- Niels Bohr percebeu algo inusitado e duvidou da possibilidade que duas situações contraditórias se manifestassem e explicou que possivelmente se estava diante de fenômenos individuais e que os instrumentos de medida deixavam uma brecha para se fazer uma escolha entre os diferentes tipos de fenômenos complementares.

Os estudiosos da Física Quântica constataram que nas experiências emergiam certas situações onde apareciam "soluções intermediárias entre as medidas de um acontecimento dado, ou seja, diferentes graus de atualização de cada fenômeno observado a que deram o nome de complementar. Esses diferentes graus de atualização são chamados, por Weizsäcker, de 'estados coexistentes'." (Temple, 2001, p. 228)

Para Werner Heisenberg, “*Cada estado contém, até um determinado ponto, os outros estados coexistentes*”, o que mostra a possibilidade de algo existir somente em potência ainda que ele não fale ainda de potencialidades coexistentes simétricas.

Além dessas, muitas outras contribuições foram importantes para Lupasco construir sua obra e, ao desenvolver teorias tão inovadoras, não foi compreendido pela Academia e muitas das suas ideias e conceitos não foram ainda bem-compreendidos.

### **Trialética e o terceiro incluído**

Na sua obra, publicada em 1951 *"Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie: prolégomènes à une science de la contradiction"*, Lupasco desenvolveu a formalização axiomática da sua lógica do antagonismo. O terceiro incluído já aparece aí pela primeira vez, não como a expressão de um sonho ou de uma fantasia, mas rigorosamente demonstrado, o que explica a grande influência que essa obra teve na cultura francesa do seu tempo. Seu pensamento, introduzindo a contradição na estrutura, nas funções e nas operações lógicas, gerou, por outro lado, muitos mal-entendidos e sua teoria foi rejeitada pela academia e apagada dos livros e dicionários.

Para aqueles que compreenderam sua obra e conheceram a riqueza do seu pensamento, a lógica do antagonismo e do terceiro incluído, longe de afastá-los das suas teorias, aproximou-os e muitos foram os que as utilizaram em seus trabalhos, principalmente literatos, poetas, artistas. Lupasco viveu em plena época da revolução quântica e como físico que era, percebeu a importância dessas descobertas para a transformação do pensamento e da epistemologia clássicos. Ao colocar em dúvida o domínio absoluto do princípio da não contradição, ele possibilitou que pudéssemos ver hoje os fenômenos em sua dinâmica histórica, lógica e metalógica.

Como já dito, muitos teóricos da Física Quântica contribuíram para que Lupasco chegasse à sua lógica do antagonismo e à formulação de um terceiro termo incluído, representado por um T. Foi a formalização quântica que permitiu, ... “a ligação da nossa lógica do terceiro excluído, que usamos diariamente para definir os fenômenos observados, à lógica do terceiro incluído, que deve ser reconhecida nos acontecimentos sobre os quais dirigimos a observação.” (Temple, 2001, p. 229)

Nicolescu, em seu livro *"O Manifesto da Transdisciplinaridade"*, (2000) e no artigo intitulado “*Contradiction, logique Du tiers inclus et niveaux de Réalité*” (2009) nos explica como Lupasco compreende o fenômeno da contradição e da não contradição enquanto termos lógicos. Diz ele:

Mas, se esses dois termos forem indexados em função de A (Atual) e P (Potencial), o índice T estará ausente. Em outras palavras, na ontológica lupasciana, não há terceiro incluído da contradição e da não contradição. Paradoxalmente, a contradição e a não contradição submetem-se às normas da lógica clássica: a atualização da contradição implica a potencialização da não contradição e a atualização da não contradição implica a potencialização da contradição. Não há estado nem atual nem potencial da contradição e da não contradição. O terceiro incluído intervém, contudo, de uma maneira capital: o *quantum* lógico que faz o índice T intervir está associado à atualização da contradição, enquanto os dois outros *quanta* lógicos, fazendo intervir os índices A e P, estão associados à potencialização da contradição. Nesse sentido, a contradição é irreduzível, pois sua atualização está associada à unificação de *e* e *não-e*. Consequentemente, a não contradição só poderá ser relativa. (NICOLESCU, 2009, p.115)

Temple, no seu artigo escreve que já em 1935, o princípio de antagonismo de Stéphane Lupasco permitia a ligação do contraditório e do não-contraditório: esse princípio une a atualização de um fenômeno à potencialização de seu contrário. Segundo ele:

Para fazer a imagem dessa tese, diremos que a onda atualizada está unida a uma estrutura corpuscular potencializada, que a estrutura corpuscular atualizada está unida a uma onda potencializada e que cada uma dessas potencializações é uma consciência elementar. (Temple, 2001, p. 229-230)

Isto é, há uma primeira forma de consciência e depois desta, muitas se seguem no processo das atualizações/potencializações. Esse processo é contínuo e dinâmico e, quando num determinado momento um certo fenômeno se atualiza, um outro imediatamente se potencializa e dá origem a novas possibilidades, sempre de forma antagônica. Para Lupasco, qualquer fenômeno da realidade macrofísica, biológica ou psicológica funciona dessa forma e o que os diferencia é o fenômeno da homogeneização ou heterogeneização, sendo que os fenômenos físicos tendem à entropia (pelo processo de homogeneização) e os biológicos e psicológicos à neguentropia (pelo processo da heterogeneização).

Lupasco interessou-se pelo sistema da vida, depois pelo sistema psíquico e constatou, imediatamente, que o sistema da vida respeita o princípio do antagonismo polarizado pela diferenciação e o sistema psíquico, o princípio do antagonismo polarizado pelo contraditório. O sistema psíquico tem um caráter contraditório e se constrói pela complexificação de antagonismos. Foi mérito de Lupasco introduzir um termo novo para esse tipo particular de potencialidades coexistentes:

...o Estado T significa o que é, em si, mesmo contraditório. Esse terceiro é o terceiro que a lógica clássica exclui e que Lupasco denomina o terceiro incluído. Esse caso T corresponde àquela situação em que as duas polaridades antagônicas de um acontecimento tem igual intensidade e anulam-se reciprocamente para dar

nascimento a uma terceira potência em si mesma contraditória. (BADESCU: 2001, p.232).

O princípio de antagonismo dissipa um outro equívoco: Lupasco não rejeita a lógica clássica, ele a engloba. Ele não rejeita o princípio da contradição: "... ele coloca em dúvida seu "absolutismo." (BADESCU: 2001, p.109). A lógica clássica é, para Lupasco, uma macrológica, que deve ser utilizada em larga escala, em situações bem específicas.

Vimos, então, que a Lógica do Terceiro Incluído de Lupasco, é um caso particular do dinamismo contraditório reafirmando que o terceiro termo não tem natureza de síntese, como da dialética hegeliana, que se percebe e se chega no desenrolar da História e, portanto, numa dinâmica linear temporal. É fundamental diferenciar a lógica de Hegel da do Terceiro Incluído onde os três termos A, não A e o terceiro termo T são simultâneos no Tempo.

A Lógica do Terceiro Incluído, portanto, visto que:

- É uma lógica não-clássica porque aceita a contradição e vê como possível um 3º termo que é ao mesmo tempo A e não A, isto é, derroga o princípio da não contradição e a exclusão do terceiro;
- É uma lógica dialética, mas que não aceita o terceiro termo como síntese dos dois primeiros;
- O terceiro termo é incluído e emerge: ele, que estava no nível do possível, das potencialidades, passa a ser atual, é atualizado, isto é, passa a fazer parte do aqui e agora;
- Os três termos A, não A e T são simultâneos, isto é, estão presentes ao mesmo tempo, ainda que no nível das possibilidades e não acontece no desenrolar da História.

No espírito dos trabalhos de Stéphane Lupasco podemos afirmar que a nova lógica ternária: não elimina, mas apenas restringe a ação da lógica clássica (binária, ou do terceiro excluído); ela não concebe o estado intermediário ("T") como uma síntese dos estados extremos, segundo o esquema hegeliano da sucessão dos momentos antitéticos do futuro, mas admite a coexistência dos três termos, associados por Lupasco a três tipos de matéria, a três tipos de sistemas e de sistematização da energia, a três tipos de universo e sempre o mesmo número de tipos de determinação, a três tipos de espaço-tempo, a três tipos de orto-dialéticas e a três tipos de orientação dos fenômenos, a três modalidades de articulação causal, a três tipos de finalidade, a três espécies de conjuntos e a três procedimentos estatísticos, a três tipos de adaptação comportamental, a três gêneros de normalidade e sempre o mesmo número de formas patológicas, a três tipos de moral, a três tipos de memorização, a três tipos de imagens e sempre o mesmo número de tipos de conceitualização, a três tipos de verdade, a três tipos de ciências, a três metodologias conceituais e técnicas, a três tipos de orto-deduções, a três tipos de

‘silogismos contraditórios e a três tipos de ‘reocorrências contraditórios, etc.”  
Ioan, 2001, p. 141)

### **Contradição condicional e realismo estrutural científico**

Pontos essenciais da lógica ternária do terceiro incluído de Stéphane Lupasco já foram abordados neste artigo. Como já mencionamos, no formalismo axiomático dessa lógica, a interação entre os dois elementos em contradição, A e não A, alternativa e reciprocamente actualizados e potencializados, pode dar lugar à emergência de um terceiro elemento num nível superior de realidade ou de complexidade.

A exposição, a mais detalhada dos axiomas dessa lógica, foi feita por Brenner no seu livro *Logic in Reality*<sup>13</sup>. O axioma que substitui o segundo axioma clássico da não contradição no referido livro está assim formulado:

- Contradição Condicional: A e não A existem ao mesmo tempo, mas somente no sentido que quando A é majoritariamente atual, não A é majoritariamente potencial e *vice versa*, sem que nem um nem o outro desaparecem completamente.

Podemos, então, fazer um enunciado axiomático do postulado fundamental de Lupasco:

- Associação Funcional: Todo elemento real **e** – objetos, processos, acontecimentos – existe sempre em associação, estrutural e funcional com seu anti-elemento ou contradição, **não e**; em termos da Física são variáveis conjugadas. Esse axioma se aplica aos pares clássicos de dualidades, por exemplo, identidade e diversidade.

Abordamos aqui justamente a relação entre a Contradição Condicional, termo que Brenner utiliza para a modificação que Lupasco trouxe ao segundo axioma clássico da não contradição, e a corrente mais próxima de Lupasco no pensamento atual, a saber o realismo estrutural científico (REC). Existem muitas percepções sobre a contradição, mas para assegurar que permaneçamos num contexto científico no bom sentido do termo, é necessário nos basearmos nessa concepção da contradição ou "contra-ação".

Nós insistimos que a concepção da contradição condicional não é uma curiosidade lógico-filosófica, mas um chamado a repensar toda uma série de verdades aceitas quanto ao valor da identidade — verdade linguística, consistência, certeza frente aos valores "negativo" correspondentes — diversidade, inconsistência, incerteza. Longe de ser, como uma grande maioria de lógicos gostaria, qualquer coisa a ser eliminada do ofício ou de aprisioná-la o quanto

---

<sup>13</sup> Brenner, J. E. 2008. *Logic in Reality*. Dordrecht: Springer.

possível, a contradição deve ser considerada como fazendo parte essencial do nosso raciocínio e das nossas ações. Paul Ghils<sup>14</sup> compreendeu bem o papel ativo da contradição nos seus estudos da dinâmica da linguagem.

A contradição condicional mais real está para nós, então, na base da evolução de todo processo. Consequentemente, é interessante olhar a relação entre esta lógica e as teorias propostas recentemente onde o objetivo principal é desconstruir um ceticismo radical antirealista e anti-científico. Nós pensamos sobretudo na "naturalização" da metafísica por Ladyman e Ross<sup>15</sup> com seu realismo estrutural ôntico que vemos como a corrente chave do retorno ontológico na filosofia atual.

O realismo científico é a atitude que melhor leva em conta a validade geral que a atividade científica adquiriu, entretanto, a aceitação das entidades que não são diretamente observáveis por esta teoria, fez com que muitos filósofos a rejeitasse. O realismo estrutural propõe uma resposta, mas, infelizmente as "estruturas" das quais ele trata são estruturas matemáticas.

O realismo estrutural ôntico (REO) de Ladyman e de seus colegas é uma resposta substancial e atual aos desafios antirealistas ao realismo científico, pois ele assegura componentes metafísicos adequados que faltam nas versões matemáticas e epistemológicas do realismo estrutural.

O REO e a lógica de Lupasco se encontram na definição de Ladyman de desenho (padrão) onde este é portador de informação<sup>16</sup> em se tratando do mundo real. Simplesmente falando, um desenho é uma relação entre dados, e sua posição é que aquilo que existe é *simplesmente* desenho. Não existem mais "coisas", relatos concretos, objetos individuais como geralmente compreendidos. O aspecto mais importante destas estruturas é *sua* natureza e as relações entre elas.

De início, é necessário compreender "O que é uma estrutura?", questão colocada por Lupasco em 1967<sup>17</sup>. Sua resposta foi que as estruturas são também dinamismos, processos que não podem ser objetivados nem coisificados, mas que são gerados por leis lógicas. As estruturas são consideradas mais como *estruturações*, termo empregado quinze anos mais tarde pelo sociólogo Anthony

---

<sup>14</sup> Ghils, P. 1994. *Les tensions du langage. La linguistique de Jakobson entre le binarisme et la contradiction*. Berne, Berlin, etc. : Peter Lang Publishers.

<sup>15</sup> Ladyman, J. and D. Ross. 2007. *Every Thing Must Go. Metaphysics Naturalized*. Oxford: Oxford University Press.

<sup>16</sup> Pour l'application de cette logique à l'information en tant que telle, voir Brenner, J. E. 2010. Information in Reality ; Logic and Metaphysics. *triple-C i(i)* (en publication)

<sup>17</sup> Lupasco, S. 1967. *Qu'est-ce qu'une structure ?* Paris : Christian Bourgois



Giddens<sup>18</sup> para designar as relações ativas nas comunicações no nível de uma sociedade. Uma estrutura não é jamais rigorosamente atual, absoluta num sentido ou noutro, em se tratando da natureza e da lógica da energia. Ela é uma estruturação dinâmica que é sempre funcionalmente associada com uma estruturação potencial antagonista e contraditória.

A importância dada por Landyman às relações hoje é a mesma formulação encontrada na concepção de Lupasco que dizia "tudo é determinado pela relação, tudo é relacional, tudo que existe, existe em relação à ...". Nós pensamos que é a natureza mesma que nos empurra para esta maneira de pensar e de fazer as interpretações relacionais.

A lógica lupasciana sustenta uma teoria causal de referência segundo à qual existe uma cadeia de relações causais entre as utilizações de termos às instâncias dos seus referentes. Todos estes elementos estão nas tais cadeias de cadeias de relações causais com o que as constituem, a saber, uma forma de definição através de um elemento oposto. Isto permite uma melhor aproximação ao conhecimento científico ao eliminar uma dependência sobre estas concepções descritivas formais. Ao eliminar uma separação entre os pontos de vista contraditórios internos e externos, subjetivos e objetivos, esta concepção causal trata as descobertas como existentes e os fatos empíricos e as explicações filosófica e epistemologicamente pertinentes, sem que os objetos externos sejam dependentes, segundo as concepções antirealistas, da mentalidade ou da experiência.

Ver a contradição condicional na lógica nos prepara para compreender e aceitar as contradições e as interações na realidade e *vice-versa*. A contradição condicional tem então um papel hermenêutico essencial na ciência e na filosofia.

### **Afetividade: uma variável ontológica na lógica**

Existe uma contradição fundamental na obra de Lupasco e que podemos ilustrar por uma discussão dos temas maiores da arte e a afetividade. Temos que notar de saída que Lupasco eliminou de sua própria lógica o que ele chamou de mundo ontológico, o mundo da afetividade. Esse mundo não-lógico ou alógico está essencialmente separado

---

<sup>18</sup> Leydesdorff, L. Redundancy in Systems which Entertain a Model of Themselves: Interaction Information and the Self-organization of Anticipation. *ENTROPY* 12(1), pp. 63-79.

do mundo da energia e do devir lógico, estando assim conectado só por relações "de acompanhamento".

A grande inovação da teoria de Lupasco foi a introdução de uma variável ontológica: a afetividade. Afetividade tem um papel importantíssimo na teoria lupasciana porque ele a introduz como uma variável que instaura uma dinâmica na realidade. O que é comum à todas as teorias psicológicas e mesmo antes destas serem criadas, é a presença de "uma oposição, uma luta, um antagonismo que preside a dor e o prazer no seio da consciência" (Lupasco II, 1973, p. 185) processo que é simbolizado, com todos os seus múltiplos graus pelo termo afetividade. Essa noção de antagonismo, de contrariedade dinâmica entre dor e prazer presidiu constantemente tanto a psicologia quanto a fisiologia da afetividade desde o começo, o que não aconteceu com a ciência, a filosofia e o conhecimento que tentou transcender esse princípio elaborando interpretações e explicações destinadas a evitar a contradição, o antagonismo.

A afetividade se constitui em estados afetivos e se caracterizam como emoção, Se então, por convenção ou por real adequação, quisermos aplicar aos dados afetivos, seguido da natureza que eles manifestam, os caracteres do ser e se, então, tudo o que eles recusam conter se encontram na existencialidade, podemos considerar que a afetividade é dotada de uma natureza ontológica, natureza cuja existência contém as propriedades específicas do não-ser; um não-ser que não é o inverso, o contrário do ser, e de qualquer maneira este ser, se definindo pelo seu contrário, não seria aquele não-ser. A afetividade, se ela se dá como suficiência mais absoluta de si mesmo e se ela exclui as propriedades que nós vimos constituir o devir lógico, ela não é por isso o inverso daquilo, ela é outra coisa, ela lhe é rigorosamente heterogênea, e esta palavra empregada aqui, no seu sentido mais exato." (Lupasco II, 1973 p. 283-284)

Afetividade acompanha sempre, segundo Lupasco, os estados afetivos cujas características são a emoção, o sentimento, a paixão Ela se manifesta por dores, sofrimentos, desprazer, prazer, alegrias. Esses são ao mesmo tempo objetivos e subjetivos já que um sentimento, por exemplo, se manifesta também como dor física que se sente na carne, mesmo tendo origem no aparelho psíquico e, portanto, suscitam tanto o físico como o nível sutil. Citando Lupasco:

Nele mesmo, enquanto o que é, independentemente da sua localização, dos movimentos que o circundam, por assim dizer, afim de eliminá-lo ou de aceitá-lo, sob forma de prazer ou desprazer, o estado afetivo é suficiente a ele mesmo, é aquilo que é, na acepção mais forte do termo, não tem nenhuma relação de natureza com nada que não seja ele mesmo, não é relacional, não é uma relação, não significa nada, não mostra nada, não conhece nada, não é uma consciência de nada." (Lupasco, 1947, p. 128)

Há um enigma na afetividade, ela assinala, ela sinaliza, ela aparece, mas ela não se representa. O estado afetivo é ontológico. A sinalização afetiva é um verdadeiro cibernético que revela um desregramento tanto do sistema biológico como do sistema

neuropsíquico que está destinado a desencadear uma contra-ação, um feedback re-equilibrante a fim de retornar ao estado não conturbado. O aparecimento ontológico da afetividade é necessário para que o sistema vital possa se nutrir, se defender, copular e procriar. O aparecimento do sinal cibernético da afetividade é provocado quando uma não contradição agressiva espera uma contradição assimétrica. A gama de afetividade que faz chorar ou rir é infinita e invade todo o psiquismo. Há sempre a busca da ontologia afetiva. A afetividade tem um papel muito importante na vida de cada pessoa e, dependendo da forma como ela se manifesta e é vivenciada, pode mesmo determinar o desenvolvimento de um comportamento que ou privilegia o sensorial ou o intelecto, o que gera consequências, como nos diz Lupasco:

Mas também, notamos que a satisfação das necessidades orgânicas, o predomínio das dinâmicas físico-químicas do corpo, vão ao encontro da inteligência, o peso, ao encontro daquilo que faz a essência mesma da vida. Uma vida de prazeres corporais, de esporte, de ação, de volúpias sensoriais marca um recuo da consciência intelectual e da riqueza vital. Vice versa, uma existência de prazeres intelectuais apartada da vida ativa, afasta pelo mesmo processo, os prazeres da carne, as necessidades do corpo, os sucessos felizes da vontade. Mas é este tipo de existência que sente melhor seu corpo e por consequência está menos suscetível às doenças; e quanto mais ele constituir os mecanismos vitais e de desenvolvimento intelectual capazes de dominar facilmente os fenômenos antagonistas ativos-corporais, mais seus prazeres, sua afetividade serão vagas, podendo assim eliminar somente vagas doenças físicas. Ao contrário, a existência que faz desabrochar o corpo e as tendências volitivas engendra uma afetividade mais abundante e que parece sediar no cérebro, o psíquico, a *vida*. (Lupasco II, 1973 p. 238)

A afetividade tem um caráter *sui generis* porque acontece no sujeito, mas não faz parte dele, carrega os traços do que metafisicamente chamamos de *substância* e *ser*, tem uma natureza radicalmente estranha a tudo que é existencial, isto é relacional e lógico.

Assim citando Lupasco,

...todo estado afetivo se manifesta e não brota nem do sujeito nem do objeto, nem do devir vital nem do devir material inverso, já que nós concebemos esses devires; os fatores essenciais contraditórios, os dinamismos antagonistas agem uns sobre os outros, se definindo e existindo um em relação ao outro, passando do virtual ao atual alternadamente, constituindo, certamente, as condições de presença ou ausência da afetividade, mas esta jamais mostrou qualquer coisa de comum com a natureza daqueles. (Lupasco, II, 1973 p. 283)

A afetividade se apresenta então como um estado do ser, um estado dotado de uma natureza ontológica que não possui nem passado nem futuro, que não se rende nem ao tempo nem ao espaço. Ela se apresenta como um estado auto-suficiente não relacional que não é nem virtual nem atual, nem estático nem dinâmico. Ela não se constitui como devir lógico, ela simplesmente é.

## Metacontradição: a lógica energética do desacordo

Como todo cometimento filosófico, nosso debate sobre a contradição deve ser muito austero. Posto e convencido da justesa de suas teses, cada um de nós busca a convencer os outro. Atraímos a atenção aos contra-argumentos a fim de melhor os aniquilar. Mas seu oponente faz o mesmo; todo mundo sabe ( ou deveria saber) que todas as posições contraditórias possíveis e imagináveis foram tomadas. Deixando de lado que a noção de progresso na filosofia, em oposição ao progresso na ciência e na tecnologia desde Wittengestein, fica ao objetivo de cada um provar que tem razão.

No seu pequeno livro terrível, *L'art d'avoir toujours raison*<sup>19</sup>, Schopenhauer propõe 31 modos de ganhar um argumneto. Quanto de seus estratagemas você aceitaria utilizar ? Onde o limiar da deshonestidade intelectual se encontra ?

Temos o hábito de dizer, que em certas situações, em que os protagonistas estão em desacordo, imagem que provém do mundo da música. Acabamos, às vezes, comumente, aceitando a posição do outro, mesmo quando ela está em contradição flagrante com a nossa. A razão para a falta de progresso na filosofia pode, possivelmente ser buscada lá. Todo nosso sistema social, também no âmbito da filosofia, está baseada nesta vantagem primitiva, Darwiniana, do exito e da certeza, exemplos claros das identidades não contraditórias no sentido de Lupasco<sup>20</sup>.

Então, nós respondemos, é aconselhável preferir buscar o desacordo em lugar de um consenso ? Claro que não. Para bem compreender o valor do desacordo, temos que primeiramente ver sua realidade *física*. Porque se justifica de falar em desacordo e não dizer simplesmente que existe contradições entre as posições ? Porque os desacordos não estão somente no papel. Devemos levar em consideração que estas posições correspondem a maneiras de ser, de dinâmicas que são os processo ativos em <<contração>>. Não é atoa que falamos de « desacordo visceral », uma expressão que mostra bem o aspecto dinâmico deste tipo de contradição.

Estamos assim face a uma dualidade irreduzível de dois tipos maiores de estrutura dinâmica cognitiva e de comportamento correspondente mais ou menos às mentalidade políticas de direita e esquerda, do realismo e do idealismos, da crença e da não crença religiosa, entre outras.

Entretanto<sup>21</sup>, Brenner já propos uma interpretação nova da psicologia ambiental nos termos de uma tipologia psicológica antagonista dos seres humanos, geralmente aplicável. A existência de duas atitudes maiores e opostas para com o bem comum parece ser mais uma função do tipo de personalidade geneticamente favorecida que do meio familiar, cultural e social. No trabalho Brenner pretende que os *universais transculturais* na psicologia humana constituem os fatores predominatnes na determinação dos valores considerados como importantes e se sim ou não das obrigações morais, políticas e de outras. Esta tipologia constitui, neste caso, uma verdadeira caracterização dos atores humanos concernidos.

Mas assim as contradições reais não são artefatos estranhos ao debate, por exemplo, sobre a contradição, elas estão mesmo no coração da situação real na evolução social

---

<sup>19</sup> Schopenhauer

<sup>20</sup> Lupasco, Stéphane. 1947. *Logique et Contradiction*. Paris : Presses Universitaires de France.

<sup>21</sup> Brenner

do pensamento. Nós propomos nomear este tipo de processo de metacontradição, pois que se trata da natureza mesmos das contradições levadas em conta.

Com efeito, revisitando as concepções de dialética e da trialética, sem ter concebido antes a criação de uma metateoria, quizemos comparar as proposições que são em parte as metateorias, no sentido que permitem a integração de diferentes visões nos mesmos limites disciplinares. Nossa percepção é, todavia, que a dialética e a trialética não estão em uma relação interativa, como diria Lupasco, adequadamente contraditório. A emergência a partir de um terceiro incluído é um aspecto da dialética, tanto que da triadicidade de Peirce, não são fundada nas propriedades dinâmicas, contraditórias da realidade, e sua lógica não é senão uma lógica neo-clássica, baseada sobre o princípio da verdade proposicional. As intuições de Peirce foram extraordinárias, mas seu sistema com características de classificação e de categorização.

As objeções possíveis suplementares à nossa análise, é que nós não chegamos a dar uma definição concreta de metacontradição que estabelecesse a diferença entre contradição e metacontradição. Parece-nos, que não há diferença absoluta, assim como não há entre filosofia e meta-filosofia, que se definem mutuamente. No plano da contradição e da não contradição de Lupasco, como de Nicolescu afirmou em 2009, não existe junção. Elas sucedem a lógica clássica. Mas enquanto fenômenos conceituais ativos, nem a contradição, nem a metacontradição são absolutas, mas interagem segundo seus princípios de oposição dinâmica da lógica do terceiro incluído de Lupasco. Este estado de fato é, segundo a concepção aqui apresentada, uma metacontradição, uma vez que ela concerne aos aspectos e às propriedades das contradições reais elas mesmas.

Sauveyer (2010, p. 303) diz que «uma contradição ordinária compreende um conjunto de contradições se manifestando no homem ordinário». Infelizmente as contradições reais, naturais ou mesmo factuais não são contradições *epistemológicas*. A questão da existência das contradições reais *assim* no sentido energético e ontológica permanece aberta.

Que podemos então dizer, neste caso da existência de contradições reais? Nós queremos atrair sua atenção rumo ao livro seminal de Graham Priest de 1987, *In Contradiction*. A partir de sua lógica paraconsistente, Priest vê as contradições reais na noção do tempo, da mudança de movimento, dando a base de uma reinterpretação dos paradoxos clássicos de Zeno, etc. Além do que, ele examina a problemática dos conflitos sociais. Andrea Lanza (2010) teve bem razão de evocar as contradições ao nível social (para um histórico ver a obra admirável de Ilyenkov<sup>22</sup>), lá na interface do indivíduo e do grupo. Com efeito, tudo aí é contraditório – doutrinas, motivações, personalidades, etc.

Somos sempre confrontados por um aparato de exemplos de contradição postos nos múltiplos domínios do conhecimento. Entretanto, faltaria, segundo nós, um quadro e/ou um princípio científico unificador que facilitasse a sua avaliação transdisciplinar. A luz «polarizante» da metacontradição é então um instrumento possível de ajudar a manter uma certa distância de nossos próprios argumentos. Esta atitude seria mais próxima de

---

<sup>22</sup>Ilyenkov, Evald. 1974. *Dialectical Logic*. Moscow: Progress Publishers.

uma atitude transdisciplinar preconizada por Nicolescu<sup>23</sup> de respeito e abertura. A metacontradição seria uma parte de uma metateoria possível da contradição, capaz de explicitar um processo de investigação e de favorecer a emergência do novo sentidos úteis à contradição.

## **Trialética e Níveis de Realidade**

Como já mencionado neste artigo, o desenvolvimento da Física Quântica no começo do século XX deu origem a uma revolução cultural cujo centro está no "questionamento do dogma filosófico contemporâneo da existência de um único nível de Realidade" (Nicolescu, 2009, p. 49). O conceito de níveis de Realidade foi tratado por Basarab Nicolescu em 1982 e explicitado no Manifesto da Transdisciplinaridade (1996) ainda que, essa ideia já estivesse presente em trabalhos de Heisenberg, desenvolvidos de forma diferente em 1942 e publicados em 1984.

Segundo Nicolescu, o conceito chave da transdisciplinaridade é o de níveis de realidade, conceito que o autor formulou a partir de uma ideia que surgiu durante sua estadia no Lawrence Berkeley Laboratory em 1976 quando trabalhava como físico teórico com Geoffrey Chew, o fundador da teoria do *bootstrap*. Muito trabalho e reflexão demandou o desenvolvimento dessa ideia inicial e Nicolescu percorreu um longo caminho até chegar à formulação e configuração que essa teoria tem hoje.

Nicolescu diz que a noção de níveis de realidade "dá uma explicação simples e clara da inclusão do terceiro". (Nicolescu, 2009, p. 51) A realidade para ele tem uma dimensão ontológica, na medida em que a natureza participa do ser do mundo e a ciência tem sua razão de ser porque a natureza é uma fonte misteriosa e aberta a ser conhecida. Assim, "a realidade não é somente uma construção social, o consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela tem também uma dimensão transubjetiva, na medida que um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria." (Nicolescu: 2009, p. 51)

Nível de Realidade, segundo Nicolescu, é ... "um conjunto de sistemas invariável à ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas a um número de leis quânticas, às quais configuram uma ruptura radical com as leis do mundo macrofísico." (Nicolescu, 2009, p. 51-52) Portanto, há uma ruptura radical de

---

<sup>23</sup> Nicolescu, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*

leis, de conceitos fundamentais e de temporalidade na passagem de um nível para outro. O modo como se dá essa passagem é desconhecido.

A introdução do conceito de diferentes níveis de Realidade introduzida por Niclescu possibilitou tornar logicamente demonstrável as teorias de Lupasco que acrescenta aos termos A e não A, *um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não A* – e na visão de Niclescu, essa relação supõe a disposição dos três termos e de seus dinamismos associados em um triângulo:

...onde um dos vértices situa-se em um nível de Realidade e os outros dois em um outro nível de Realidade. Se permanecermos em um único nível de Realidade, toda manifestação surge como uma luta entre dois elementos contraditórios (por exemplo: onda A e corpúsculo não A). O terceiro dinamismo, o do estado T, exerce-se num outro nível de Realidade, onde aquilo que aparece desunido (onda ou corpúsculo) está de fato unido (quantum) e aquilo que parece contraditório é percebido como não-contraditório. (NICOLESCU: 2000, p. 36-37)

Podemos então considerar que a realidade, numa visão transdisciplinar, comporta vários níveis de realidade, e esse número pode ser finito ou infinito dependendo da forma de conceituá-la. A existência de pares de opostos que vão se unificando através da emergência do terceiro incluído *ad infinitum* e dos diferentes níveis de realidade onde esse processo ocorre, induz a uma estrutura aberta, *gödeliana* da realidade. Segundo Niclescu esse processo contínuo gera um conhecimento aberto cujas teorias vão sendo descartadas e substituídas à medida que novos pares de contraditórios situados num novo nível de realidade são descobertos. Desse modo, concluímos que não existe uma teoria completamente unificada e "nesse sentido podemos falar *de uma evolução do conhecimento*, sem jamais chegar a uma não contradição absoluta, implicando assim todos os níveis de realidade: o conhecimento estará para sempre aberto." (Niclescu, 2009, p. 55)

A contradição assim ganha um novo colorido, já que o jogo contraditório pode ser resolvido ou superado pelo terceiro incluído que emerge num nível de realidade diferente do par de contraditórios original, ainda que, ao emergir o terceiro termo, instantaneamente outro par contraditório é gerado. E nessa sucessão, a vida acontece como um projeto lançado e aberto para o futuro, projeto que é necessariamente incompleto e por isso mesmo se configura como um conjunto indeterminado de possibilidades.

## PARTE IV

### Explorando Possíveis

Tratamos neste artigo de lógicas pragmáticas, mas duas perguntas estavam sempre presentes em sua elaboração: O que é realidade onde esses sistemas de contradições operam? Existe algo que as ultrapassa?

No livro *Manifesto da Transdisciplinaridade*, Basarab Nicolescu escreve: "Entendo por Realidade, em primeiro lugar, aquilo que *resiste* às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas" (Nicolescu, 2000, p.30). No documento Mensagem de Vila Velha - Vitória, formulado no II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizado no Brasil em 2005, está escrito que a Realidade é aquilo que pode ser concebido pela consciência humana e o Real é a referência absoluta e sempre velada. Se assim compreendidos, nos termos Realidade e Real, há uma oposição: na dimensão da realidade há sempre contradição e um movimento de superá-la; na dimensão do Real, não há contradição.

A realidade, então, pode ser apreendida a partir de qualquer uma das abordagens aqui apresentadas. A tensão inscrita nos contraditórios cria e define corporalidades, identidades e dinâmicas explícitas e implícitas que levam a potencializações, semi-potencializações, atualizações e semi-atualizações que configuram um *sendo* e fazendo a nível pessoal, político-social, ético, estético e/ou planetário.

Revisitar a dialética e trialética, nos remeteu às relações existentes entre níveis de realidade, o objeto da transdisciplinaridade e níveis de percepção, o sujeito da transdisciplinaridade (Nicolescu, 2000, p. 63-64). Essa relação nos fez deparar com três fatos. O primeiro advindo da falta de percepção que a realidade é multidimensional e que cada dimensão opera em um dado nível lógico. O segundo advindo das limitações cognitivas que nos levam a privilegiar uma abordagem em detrimento da outra, qualquer que seja o nível do fenômeno que se nos apresente; ao invés de procurarmos encontrar o lugar adequado para cada uma delas de forma a evitar dualismos ontológicos radicais e escolhas inconsequentes no processo de pavimentar nosso caminho rumo a atualizações ou potencializações. O terceiro é que compreender essas diferentes lógicas e “corpá-las”, de modo que elas se corporifiquem em nós, pode promover mudanças de hábitos, no sentido explorado por Peirce, hábito como um domínio operativo da experiência, que conserva estruturas no fenômeno, costume e cultura, promovendo evolução.



Dito de outra forma, a questão das diferentes lógicas leva à construção de diferentes modelos antropológicos e transculturais. Esses modelos existem nas tradições sapienciais ocidentais e orientais e uma análise mais profunda elucida seus entrecruzamentos. Enquanto “sistema”, esses modelos são construídos sobre a causalidade e a teleologia, eles são encadeamentos recursivos. Patrick Paul no livro *Formação do Sujeito e Transdisciplinaridade* (Paul, 2009, p. 518 -594) esclarece essa questão epistemológica e seus encadeamentos. Nesse sentido, fica evidenciado que existe para cada epistemologia, níveis conceituais gnosiológicos e níveis metodológicos. Assim cada nível de realidade, cada abordagem metodológica exige uma postura, um olhar sobre a realidade, uma fenomenologia e certo tipo de lógica.

Na sequência dos terceiros incluídos nos diferentes níveis de realidade existe um terceiro incluído corporal; um terceiro incluído lógico; um terceiro incluído imaginal; um terceiro incluído ontológico, mas existe também, em outro nível, que ultrapassa a realidade e que se inscreve na dimensão do Real, um terceiro secretamente incluído (Paul, 2009, p. 555). É nessa multidimensionalidade que acontece a tessitura da realidade exterior e interior, do si mesmo com o intangível, o insondável, o inefável. Em cada nível se configuram passagens e em cada passagem se inscrevem “mortes”, com ou sem cadáver, bem como se inscrevem “renascimentos”. A dificuldade, como diz Roberto Crema é que “todos querem ressuscitar, mas ninguém quer morrer” (Kohn, 2010, p. 181).

Lupasco em seu livro *Science et Art Abstrait*, publicado em 1963, escreve que suportar a contradição, contrariamente ao que possa parecer, é um ato de sanidade. Nela há sempre um contraditório que coexiste. Compreender diferentes manifestações da contradição é estar são e sem a degradação de escolhas absurdas. Um simples par de opostos, se visto apenas a partir da dimensão física e biológica, leva a oposições simplistas e conserva os objetos separados. Do ponto de vista do mundo psíquico, não podemos deixar de aceitar a sua coexistência, uma implicando na outra, uma se definindo em relação à outra. Todas as manifestações essencialmente psíquicas não correspondem à noção de realidade ou de irrealidade, que nos são forjadas enquanto permanecemos no nível físico e biológico. Para Lupasco "os acontecimentos da *alma* não são nem reais enquanto atualidades nem irreais, como pura virtualidade". (Lupasco, 1963, p.62).

É evidente que, a experiência científica do sistema microfísico e o psíquico pertencem a essa esfera, se distinguem sobremaneira da experiência dos sistemas físicos

e biológicos. Cada sistema é apreendido por diferentes lógicas. Por exemplo, os sistemas psíquicos são invisíveis e não apreensíveis pela lógica clássica. Para esses sistemas, a *lógica dinâmica do contraditório* se constitui como a mais adequada já que, no plano puramente psíquico, "o espaço e o tempo coexistem e interferem, inibem um ao outro, até um certo grau se alteram reciprocamente, mas não podem se separar, como nas operações de percepção do mundo sensível, onde o espaço aparece sempre independente do tempo". (Lupasco: 1963, p. 63).

No mesmo livro, Lupasco comenta que a afirmação e a negação se disjuntam muito fortemente, quando o homogêneo ou o heterogêneo se atualizam em excesso. O mesmo acontece quando o contínuo ou o descontínuo, o ondulatório ou corpuscular são extremos no mundo exterior. O mesmo acontece ainda quando a solidão da exclusão individual se apodera da alma, e aí até mesmo a alma murcha e morre. Então, ao entrar em um extremismo, tanto de homogeneização quanto de heterogeneização, a alma sofre. Diz Lupasco que aqui está o delírio da afirmação e da negação, o delírio da vida e da eternidade. Diz ele ainda que esses fenômenos da alma não são reais nem como atualidade nem como potencialidade.

É a experiência estética que nos faz poder pressentir fortemente que o psiquismo tem uma existência autônoma, onde os elementos constitutivos são sempre duais e contraditórios, apresentando sempre uma tensão antinômica com forte composição energética que aparentemente instaura uma "realidade" não contraditória. O psiquismo, então, se apresenta como um estado energético intermediário, chamado de estado T, de terceiro incluído, estado este que como já vimos, não é nem potencial nem atual, um em relação ao outro, e que se constitui num meio-caminho entre a potencialidade e a atualidade num estado de permanente contradição que os liga fortemente e os organiza como tal, ou seja, um estado semi-potencializado ou semi-atualizado.

O terceiro incluído, involutivo ou evolutivo, nos leva à compreensão das relações das forças de vida sejam elas biológicas ou intelectuais, sejam elas anímicas ou espirituais, elas nos singularizam e, e ao mesmo tempo, nos universalizam à medida que nos encaminhamos rumo ao terceiro secretamente incluído

Em Platão, a dialética da divisão concebe o UM como sua verdade original; Aristóteles, ao eleger um dos elementos prováveis do par de contraditórios, exclui a contradição; os estóicos buscam a conciliação dos opostos; Hegel, ao negar o par de oposições, constrói na sua síntese um elemento de não contradição; Peirce, na sua dinâmica triádica Objeto – *Representamen* – *Interpretamen* através de inferências, de

ações da mente, admite  $n$  possíveis “uns” gerados pelo *Interpretamen*; e Lupasco, a partir do par de oposição, propõe a emergência de um estado semi- potencializado e semi-atualizado, o Terceiro Termo Incluído, que supera o estado anterior  $A$  e não  $A$ , até que ele seja finalmente atualizado, e assim deixando surgir um novo par de oposições. Basarab Nicolescu, ao formular a noção de Zona de Não Resistência e de um Terceiro Secretamente Incluído, cria uma zona de não contradição, como tão maravilhosamente expressa sob diferentes denominações nos textos, nas mobilizações, nas representações das tradições sapienciais, através dos séculos.

### Sensações de conceitos

Poderiam estes conceitos complexos encontrar outra linguagem, uma forma de expressão, que não passasse pelo racional, mas que pudesse favorecer sua compreensão? Acreditamos que sim, e procuramos fazê-lo através da sensação e da arte, por acreditamos que o universo “é ao mesmo tempo ordenado e caótico.”<sup>24</sup>, e que a arte, o *design* se manifestam lutando efetivamente com o caos, para fazer surgir uma visão que os ilumine por um instante, uma Sensação (Deleuze, 1975, p. 260).

Para melhor visualizar o lugar que a *Sensação* ocupa nesta abordagem, criamos o quadro que segue, considerando os três planos propostos por Deleuze e Guattari.<sup>25</sup> (Deleuze, 1975, p. 278).

<b>Plano da Imanência</b>	Filosofia	Forma do Conceito	Conceitos e Personagens conceituais
<b>Plano da Composição</b>	Arte	Força da Sensação	Sensações e Figuras estéticas
<b>Plano da Referência /Coordenação</b>	Ciência	Função do Conhecimento	Funções e Observadores Parciais

Algumas interferências surgem entre estes planos quando um filósofo entra no plano da ciência, um cientista no plano da filosofia ou um artista no plano da ciência. O desafio aqui é conseguir articular diferentes linguagens pois que o filósofo traz variações, o artista traz variedades e o cientista traz variáveis. Então, é demandado uma ordenação na disciplina, que assim interfere, solicitando a necessidade da criação de

<sup>24</sup> Os espaços vastos. Análise das Primeiras estórias por Paulo Rónai.

<sup>25</sup> Idem 2. Download do texto integral: O que é a filosofia? [gd\\_fguattari\\_quec3a9\\_filosofia](http://poars1982.wordpress.com/2008/06/03/o-que-e-a-filosofia-deleuze-guattari/)  
<http://poars1982.wordpress.com/2008/06/03/o-que-e-a-filosofia-deleuze-guattari/>

uma regra onde a mesma disciplina possa proceder de acordo com os meios que a caracteriza. Assim cada disciplina permanece em seu próprio plano utilizando seus próprios elementos. É elucidativo o exemplo colocado pelos autores:

... acontece que se fala da beleza intrínseca de uma figura geométrica, de uma operação ou de uma demonstração, mas esta beleza nada tem de estética na medida em que é definida por critérios tomados da ciência, tais como proporção, simetria, dis-simetria, projeção, transformação: é o que Kant mostrou com tanta força<sup>(15)</sup>. É preciso que a função seja captada numa sensação que lhe dá perceptos e afectos compostos pela arte exclusivamente, sobre um plano de criação específica que a arranca de toda referência (o cruzamento de duas linhas negras ou as camadas de cor de ângulos retos em Mondrian; ou então a aproximação do caos, pela sensação de atratores estranhos em Noland ou Shirley Jaffe). (Deleuze, 1997, p. 278)

Nem tudo é tão fácil de qualificar como, por exemplo, em outro tipo de interferência: a intrínseca, onde os conceitos e personagens conceituais parecem sair de um plano de imanência que lhes corresponderia, para escorregar sobre um outro plano, entre as funções e os observadores parciais, ou entre as sensações e as figuras estéticas”, são deslizamentos sutis, que nos levam a “planos complexos difíceis de qualificar. Trata-se de interferências localizáveis. (Deleuze, 1997, p. 278)

No processo criativo de cinco obras tanto individuais como coletivas que integram este artigo – uma escultura, um desenho, peças personagens, um vídeo e uma caixa de ferramentas – vivenciamos as interferências acima descritas, sem perder de vista um forte motivo: entrelaçar a translógica de Lupasco que nos levou a materializar um “meio caminho, por assim dizer, entre a potencialidade e a atualidade” <sup>26</sup> (Lupasco, 1963, p. 57), com uma visão dos estóicos, revisitada por Anne Cauquelin, enquanto caminho para o vazio.

### **Contradição – Representações e Sensações de Conceitos**

Abordamos agora algumas considerações sobre as sensações de conceitos procurando tornar mais claros os desafios que apareceram quando criamos as representações destinadas a facilitar, nesse artigo, a compreensão da contradição, tema central do nosso trabalho.

Segundo Deleuze, observamos o aparecimento de certas interferências entre diferentes planos no momento quando um filósofo penetra no campo da ciência, um cientista no da filosofia ou um artista no da ciência. O desafio aqui era articular as diferentes linguagens pois que o filósofo traz variações, o artista traz variedades e o

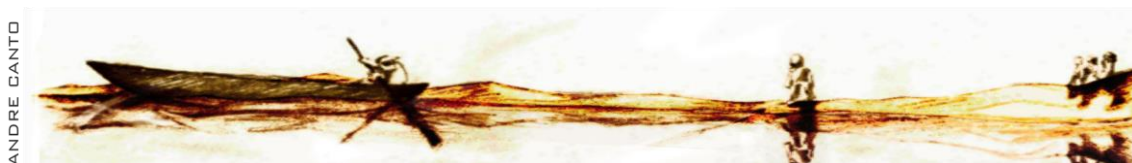
---

<sup>26</sup> Stéphane Lupasco, *Science et art abstrait* Paris : R. Julliard, 1963.

cientista traz variáveis. Vivenciamos esse desafio no processo de elaboração desse artigo.

Criamos quatro obras destinadas a representar os conceitos de contradição expressos nesse artigo: um vídeo denominado *Olerê, quero ver* que pode ser visto neste link <http://cettrans.com.br/textos-2/videos-de-interesse/olere-quero-ver/> três outras inspiradas no conto “A Terceira Margem do Rio” de João Guimarães Rosa: um desenho aquarela denominado *O Rio*; Pequenas peças-personagens, denominada *Pai*; uma escultura em acrílico nomeada *Margens exprimíveis*, abaixo representadas:

\* Desenho aquarela denominado *O Rio* em 3 versões:



No desenho, *A Terceira Margem*, feito a lápis em um suporte de papel, observamos nas multiplicações, os efeitos escolhidos pelo *ilustrator*, onde aplicamos *colorburn*, *overlay* e *multiply*, triplicando e possibilitando diferentes sensações. Nele, os familiares da estória interpretados possuem sombra, o que não acontece com o pai e, junto ao pai descobre-se, com perseverante observação no desenho, um crocodilo, sim, um crocodilo trazendo o autor da estória:

... Vivo no infinito; o momento não conta... Em outras palavras: gostaria de ser um crocodilo, vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um *magister* da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma dos homens.” (Lorenz, 1991, p. 72)

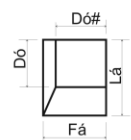
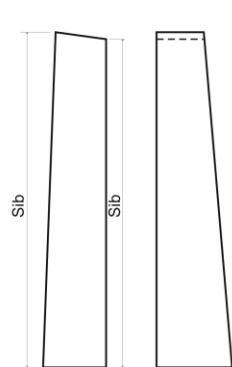
\* Pequenas peças personagens: *Pai*

Nas pequenas peças personagens, obra nomeada *Pai*, feitas à mão em técnica milenar japonesa - *origami*, *kirigami* *washi ningyo* - a personagem agora idosa, permanece em sua canoa, “sempre fazendo ausência”, na simplicidade das figuras e em cores neutras.

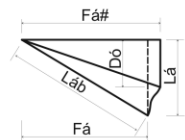
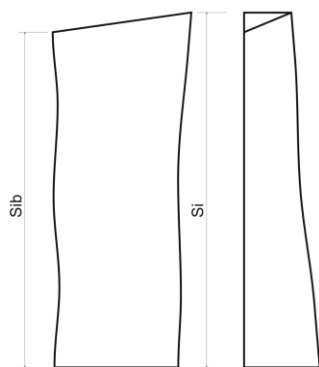


\*Margens Expressíveis: estudo feito por

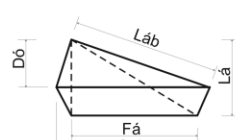
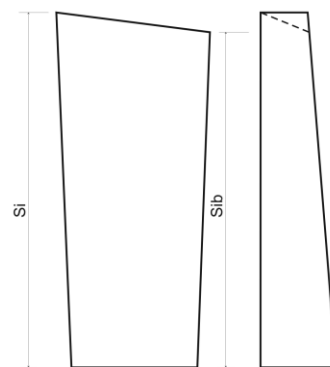
Edson Tani



**Peça 01**



**Peça 02**



**Peça 03**

**Margens Expressíveis**

\* Escultura em Acrílico: Margens Expressíveis



SCULPTURE EN ACRILIQUE : RIVES EXPRESSIBLES



MARIA F. DE MELLO ADRIANA CACCURI VITORIA M. DE BARROS

Esta escultura se atualiza em 3 momentos: Momento 1, que tem um suporte material assim como o Momento 2 que, permitindo o deslocamento, em relação ao momento anterior e a si mesma, - abre a possibilidade o Momento 3, onde o suporte material realmente se retira para dar lugar ao tempo, em “sua incorporalidade”, numa “temporalidade fugidia que é o instante, para em seguida desaparecer imediatamente”<sup>27</sup>.

A “forma zero” existente apenas no tempo como uma possível significância de uma terceira margem, se apresenta na não forma do Momento 3. Margens – pelas margens na estória de Guimarães Rosa e Expressíveis - pelo expressível, o *lekton*<sup>28</sup> dos estóicos (Cauquelin, 2006, p. 103). Deste modo, pouco a pouco fomos nos envolvendo com a estória pincelada no preâmbulo deste artigo, que nos inspirou para a criação devido às contradições e paradoxos presentes no universo poético do autor: os *intermezzos* de não pensamentos, o que não se diz, o que permanece sem resposta abrindo possibilidades. Sim, trata-se de um tempo vazio, como propõe Cauquelin, que podemos ou não encher de ações como podemos ou não encher o vazio incorporal de corpos e transformá-lo com isso em “lugar”.

Nas três obras descritas acima estão presentes a interferência: do plano da Imanência – forma de Conceito; do plano da Composição – força da Sensação, e do plano de Referência – a função do Conhecimento.

Na obra, vídeo nomeado *Olerê, quero ver: Contradição – Conceitos e Representações* apresenta esses mesmos conceitos em movimento e poderá ser visualizado no link:

Acreditamos que seria uma pretensão da nossa parte afirmar que conseguimos refletir tanta complexidade nas quatro obras referidas. Entretanto, podemos dizer que no anterior caos reinante das obras em pensamento e, ainda não criadas, aspiramos viver aquele espaço que nos permitiu perceber que tanto a ciência, a filosofia e arte, têm seu contrário: a não ciência, a não filosofia, a não arte, não como um negativo, pois tanto a ciência, como a filosofia e a arte não precisam deste NÃO “como começo, nem como fim no qual seriam chamadas a desaparecer realizando-se, mas SIM, em cada instante de seu devir ou desenvolvimento”. (Deleuze, 1997, p. 279)

---

<sup>27</sup> Cauquelin, Anne. *Frequêntar os Incorporais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

<sup>28</sup> Cauquelin, Anne. *Frequêntar os Incorporais*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



## Uma via para o Vazio

A contradição está sempre presente e ausente nos sistemas vivos. Adentrar o universo da contradição, ou pela arte ou pela ciência ou pela filosofia ou pela poética, demanda a articulação de diferentes dimensões, seja da ordem do sensível (sentimentos e imaginação); seja da experiência (vivências); seja do pensamento (conceitos, conteúdos, teorias). As dialéticas e dialéticas abordadas neste artigo, conscientemente compreendidas ou não, mas sempre vivenciadas, constituem as resistências ou facilitações próprias à integração de nosso sistema cognitivo, de nosso *ser sendo*, de nosso *ser fazendo*. É a quebra dessas eventuais resistências que nos permite evoluir a nível corporal, lógico, imaginal, ontológico e viver nossa humanidade vislumbrando talvez uma dimensão além de toda racionalidade, o que significa ir além da multidimensionalidade da realidade. Mesmo que ainda não nos seja possível viver a experiência do Real, vislumbrar sua existência constitui, em si, um passo nessa direção.

No que tange à noção de Real está sempre presente a noção de Vazio. Vazio que "...significa que tudo que encontramos na vida está vazio de identidade absoluta, de permanência e de uma morada do "si mesmo". Isso porque tudo está inter-relacionado e mutuamente dependente - nunca totalmente autossuficiente e independente". (Edleglass, 2009) Existe uma dinâmica presente em todas as coisas que estão permanentemente em fluxo onde a energia e a informação fluem através do mundo, configurando-o e transformando-o com a passagem do tempo.

O ensinamento do Vazio tem sido o fim último das tradições sapienciais, orientais ou ocidentais. Esses ensinamentos procuram levar as pessoas a compreender que as coisas, em seu fim último, não podem estar sujeitas a qualquer antagonismo ou conflito irreconciliável, a qualquer contradição.

Lupasco escreve que na medida em que nos elevamos contra essa disjunção alternativa, outras possibilidades se anunciam. E ao tratar da arte, ele afirma que o artista se insurge contra essa disjunção e contra uma entropia crescente. Ele explica que existe no artista uma sede de luz, que o faz clamar, chamar pelo invisível, pelo não representável, por trás de sua aparência perceptível. Cores, linhas, formas, sons estão a serviço da Vida, e a vida não é arte. Nesse sentido, cabe ao artista extrair do mundo exterior o poder e a possibilidade de *transatrasar* a concepção figurativa do biofísico. Assim a arte é forjada pela matéria psíquica. O artista esgota o mundo fictício;

ele vai contra a corrente do físico e do biológico, da contradição morte – vida. Existe algo que se passa a meio caminho das potencializações e das atualizações, e este é o caso da experiência estética que está aí para traduzir a natureza, o intangível e o maravilhamento: a experiência do Vazio. Numa certa medida, cada um de nós, seres vivos, somos artistas em nossa vida, e ao longo dela, somos evocados, invocados, convocados e provocados a fazer dela nossa obra de arte.

Enquanto sendo da ordem do Real, o Vazio é concreto. Suas representações são abundantes na poesia, na música, na dança, na pintura. Nessas artes o Vazio surge como uma realidade de um estado de alma e como o resultado de uma profunda meditação (Cheng, 1991). Quando representado, o Vazio oferece ao observador sensível a experiência, o sabor inefável, a ressonância com uma dimensão fora da materialidade figurativa e concreta. O Vazio, realidade experimentada em um espaço de sonho, diferentemente do que possa parecer, é ancorado na quietude e se traduz por silêncio, por descontinuidade e reversibilidade, na reciprocidade sujeito-mundo objetivo, capaz de transformar o tempo vivido em espaço. Assim, contrariamente do que se possa imaginar, o Vazio é um elemento eminentemente dinâmico, de ação, que opera transformações e, uma vez que ele encarna a lei dinâmica do Real, é uma chave para a vida prática: no Vazio o insondável mistério: Vazio a Plenitude, a contradição levada a seu extremo limite (Cheng, 1991).

O Vazio é nomeado a grande plenitude, o inesgotável. É dele que tudo se origina e para onde tendem todos os seres. Ele se instala no interior de todas as coisas, em sua substância e em suas mutações. O Vazio é oco, cavado, profundo, infinito, insondável, inefável e sem contradições. François Cheng, ao se referir ao Traço do pincel deixado em uma pintura chinesa, diz que este “... só funciona plenamente graças ao Vazio. Para que [o Traço] seja animado pelo sopro e pelo ritmo, é preciso antes de tudo que o Vazio o preceda, o prolongue e mesmo o atravesse”. (Cheng, 1991, p. 78)

O processo de revisitar um pouco desse universo da contradição, deixou para nós uma mensagem, lindamente expressa no capítulo “Uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador”, (Heidegger, 2008, p. 80-81 - A Caminho da Linguagem), onde o pensador, Heidegger, diz:

...Deixei uma posição anterior, não por trocá-la por outra, mas porque a posição de antes era apenas um passo numa caminhada. No pensamento, o que permanece é o caminho. E os caminhos do pensamento guardam consigo o mistério de podermos caminhá-los para frente e para trás, trazem até o mistério de o caminho para trás nos levar para frente.

Olerê, quero ver!

## Bibliografia

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo. Martins Fontes. 5ª Edição. 2007

BADESCU, Horia et NICOLESCU, Basarab (organização). *Stéphane Lupasco – O Homem e a Obra*. São Paulo. Editora TRIOM. 2001

BAREL, Y. *Le Paradoxe et le système - Essai sur le fantastique social*. Grenoble. Presses Universitaires de Grenoble. 3ª Edição. 2008

BRENNER, J.E. *Lógica da Realidade*. São Paulo. Editora TRIOM, 2013.

CAUQUELIN, Anne. *Les Théories De L'art*. Paris. Presses Universitaires de France, 1998

CAUQUELIN, Anne. *L'art contemporain*. Paris. Presses Universitaires de France, 2004

CAUQUELIN, A. *Frequentar os Incorporais*. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2008

COUTINHO, E. F. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2ª Edição. 1991

CANDIDO, A. *Tese e Antítese*. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul. 5ª Edição. 2006

CHENG, F. *Vide et Plein*. Paris. Éditions Points. 1991

CIRNE-LIMA, C. R. V. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996

DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris. Les Éditions de Minuit. 1980

DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris. Les Éditions de Minuit, Reprise, 2008

GALLIE, W.B. *Peirce and Pragmatism*. Westport, Connecticut; Greenwood Press Publishing, 2. edição. 1975.

GAZOLLA, R. *O Ofício do Filósofo Estoico*. São Paulo. Loyola, 1999.

GHILS, P. *Les tensions du langage. La linguistique de Jakobson entre le binarisme et la contradiction*. Berne, Berlin, etc. : Peter Lang Publishers. 1994.

HÖSLE, V. *O sistema de Hegel - o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. São Paulo. Edições Loyola. 2007

ILYENKOV, Evald. 1974. *Dialectical Logic*. Moscow. Progress Publishers.

- INWOOD, B. (org). *Os Estoicos*. São Paulo. Odysseus Editora, 2006.
- KOHN, V. S. *Terapia Iniciática*. Lorena. Instituto e Editora Diálogos do Ser, 2010.
- LUPASCO, Stéphane. *Logique et Contradiction*. Paris. Presses Universitaires de France. 1947
- LUPASCO, Stéphane. *Le Principe D'Antagonisme et La Logique de L'Énergie - Prolégomènes à une science de la contradiction*. Paris. Hermann & C<sup>ie</sup> Éditeurs. 1951
- LUPASCO, Stéphane. *Science et art abstrait*. Paris. René Julliard. 1963
- LUPASCO, Stéphane. *Du Devenir Logique et de L'Affectivité - Première Partie: Le Dualisme Antagoniste*. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin. 2<sup>ème</sup> Édition. 1973
- LUPASCO, Stéphane. *Du Devenir Logique et de L'Affectivité - Deuxième Partie: Essai d'une Nouvelle Théorie de la Connaissance*. Paris. Librairie Philosophique J. Vrin. 2<sup>ème</sup> Édition. 1973
- LUPASCO, Stéphane. *Les Trois Matières*. Strasbourg. Editions Cohérence. 1982
- MACHADO, A. *O Recado Do Nome*. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1991.
- MEYER, M. *Ser-Tão Natureza A Natureza Em Guimaraes Rosa*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2008.
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo, Editora TRIOM. 2000
- NICOLESCU, Basarab. *O que é a Realidade? Reflexões sobre a obra de Stéphane Lupasco*. São Paulo. Editora TRIOM. 2012
- PAUL, Patrick. *Formação do Sujeito e Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 2009.
- PEIRCE, Charles S. *Ilustrações da Lógica da Ciência*. Aparecida. Editora Ideias&Letras. 2008
- PEIRCE, C. S., edited By Peirce Edition Project, *The Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings*. Volume 1. Bloomington, Indiana University Press, 1998
- PEIRCE, C. S., edited By Peirce Edition Project, *The Essencial Peirce - Selected Philosophical Writings*. Volume 2. Bloomington, Indiana University Press, 1998
- RINALDO de Fernandes (organizador). *Quartas Histórias - Contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro. Editora Garmond, 2006.
- ROSA, J.G. *A terceira margem do rio*, in *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro. Editora: Nova Fronteira, 2005.

SANTAELLA, L. Jorge Albuquerque Vieira. *Uma Proposta Semiótica e Sistêmica*. São Paulo. Editora Mérito, 2008

SANTAELLA, L. *O Método Anticartesiano de C.S.Peirce*. São Paulo. Editora UNESP, 2004.

YUNES, E. e BINGEMER, M.C. L. (organização). *Bem e Mal em Guimarães Rosa*. - Rio de Janeiro. Editora PUC Uapê, 2008.

GALLIE, W.B. *Peirce and Pragmatism*. 2. ed. Westport, Connecticut; Greenwood Press Publishing, 1975.

REVISTA:

Revue D'esthétique N° 45 - Le Cas Deleuze - *Ce Que L'art Fait à La Philosophie*, 2004